

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE LICENCIATURA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE HISTÓRIA

**A CONCEPÇÃO DE GEOGRAFIA NO PERIÓDICO *MERCURIO PERUANO* (1791-
1795)**

SÃO PAULO

2020

SHARLEY JOSÉ DA CUNHA

**A CONCEPÇÃO DE GEOGRAFIA NO PERIÓDICO MERCURIO PERUANO (1791-
1795)**

**ARTIGO APRESENTADO AO PROGRAMA
DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DE SÃO PAULO COMO REQUISITO PARA A
OBTENÇÃO DO TÍTULO DE LICENCIADO
EM HISTÓRIA, ORIENTADO PELO
PROFESSOR DR. FERNANDO TORRES
LONDOÑO.**

[Cite sua fonte aqui.]

SÃO PAULO

2020

SHARLEY JOSÉ DA CUNHA

Artigo apresentado ao programa de graduação em História da Pontifícia Universidade Católica De São Paulo como requisito para a obtenção do título de licenciado em história, orientado pelo Professor Dr. Fernando Torres Londoño

Aprovada em ___ de _____ de 2020.

Banca Examinadora

Prof.

Prof.

Prof

AGRADECIMENTOS

Um professor em uma manhã de domingo de janeiro de 2016 sentado em seu sofá, inspirado pelas estantes recheadas de livros, lhe veio à mente uma inspiração de pesquisa, o periódico Mercurio Peruano. Esta inspiração foi o impulso para o jovem pesquisador iniciar seus estudos e poder se principiar nos trabalhos acadêmicos. Este “jovem” sou eu e o professor é o Fernando Torres-Londoño. Esta é a história que fiquei sabendo quando falava dos primeiros passos da pesquisa em Iniciação Científica que pude realizar sob orientação do Fernando, do qual este trabalho é uma das sementes. Desta inspiração surgiu diversos trabalhos conjuntos, publicações e projeto de mestrado. Meu sincero agradecimento a todo aprendizado.

Só, nem existimos. Minha família sempre me apoiou. A simplicidade de meu Pai Benjamim, minha Mãe Lourdes e minha Irmã Fabiola, em seus humildes conhecimentos sobre a minha pesquisa, não impossibilitou que fossem sempre presentes e dessem todo subsídio emocional para que eu pudesse realizar este trabalho. Sou eternamente grato a eles pela paciência, confiança e sabedoria que carrego comigo.

Agradeço também a Laura Faria que com sua visão organizada me ajudou a montar um calendário de atividades para a produção deste artigo. Além de eterna companheira tem sido uma grande leitora e crítica dos meus escritos.

**CUNHA, Sharley. *A concepção de geografia no periódico Mercurio Peruano (1791-1795)*.
Graduação em História Licenciatura – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São
Paulo (SP), 2020.**

Resumo:

Este artigo apresenta a concepção de geografia presente no periódico *Mercurio Peruano (1791-1795)* que esteve em circulação na Lima colonial no final do século XVIII. Remonta a trajetória da tradição geográfica ao longo dos anos desde a conquista e a colonização e mostrando o caminho percorrido até a presença da ilustração. Indica como foi a ideia de conhecimento no periódico e sua ligação com as correntes ilustradas presente no vice-reinado peruano. A ideia de geografia exposta no periódico é analisada a partir de seu caráter utilitário sobre a natureza. Sustenta-se o argumento que o *Mercurio* procurou mostrar as regiões desconhecidas para desfazer os erros cartográficos do passado, marcar o território e desenvolver o comércio nas regiões descritas, tendo em vista sempre o caráter utilitário dos diversos saberes sobre as ciências naturais que abarcavam a história natural e a geografia, instrumentalizada para prosperidade econômica do vice-reinado peruano.

Palavras-chave: *Mercurio Peruano*, Geografia, ilustração, conhecimento útil, História Natural, Economia.

SUMÁRIO

RESUMO.....	5
INTRODUÇÃO.....	7
1. TRADIÇÃO GEOGRÁFICA NO PERU: DA CONQUISTA AO SÉCULO XVIII.....	9
2. <i>O MERCURIO PERUANO (1791-1795): ILUSTRAÇÃO E CONHECIMENTO ÚTIL.....</i>	17
3. A IDEALIZAÇÃO GEOGRÁFICA NO <i>MERCURIO PERUANO</i>.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40

INTRODUÇÃO.

As fronteiras americanas disputadas entre os dois maiores impérios coloniais – português e espanhol – durante a segunda metade do século XVIII passaram por uma operação de conhecimento, utilização comercial, discurso, apropriação e ocupação. Essas estâncias ficaram configuradas por parte da coroa portuguesa com as Reformas Pombalinas. Por sua parte, a Espanha dos Bourbons, planejou e executou diversas transformações em suas possessões ultramarinas, no que a historiografia tem cunhado como Reformas Bourbonicas.¹

Essas reformas, dentre as muitas transformações administrativas, buscavam encontrar novas formas de exploração dos recursos naturais frente as outras potências europeias que também passaram a concorrer na colonização.² Os Bourbons viam como estratégia a busca de outras fontes econômicas. A demarcação de fronteiras, conhecimento útil da natureza e a sua consequente exploração, daria para a coroa o imperativo capital necessário junto a mineração. Intelectuais *criollos* peruanos acompanhavam de perto essas mudanças. Perceberam a importância de propor novas formas de utilitarismo econômico para as regiões ainda mal exploradas da vice-reino, expediente que daria aos *criollos* a oportunidade de mostrarem suas capacidades. Em cima disso, a argumentação que esta reflexão se propõe se dá pela escolha do periódico *Mercurio Peruano* (1791-1795).

O *Mercurio Peruano* foi um periódico editado bissemanalmente entre os anos de 1791 a 1795 nos domínios hispânicos da Lima colonial. Seus editores e colaboradores eram membros da elite intelectual limenha pertencentes a “*Sociedad Amantes del País*”, cuja principal função foi a publicação do *Mercurio* para conhecimento útil e de bom governo do vice-reino. Composta por espanhóis, *criollos* e estrangeiros. No seu curto período de edição, publicaram-se 12 tomos divididos em 411 números e 3568 páginas. Seu conteúdo traz assuntos como botânica, clima, geografia, cartografia, economia, história, entre outras temas. Nesse almanaque apareciam

¹ O setecentos foi o século do desenvolvimento das ciências modernas, e os impérios ibéricos absorveram e transcenderam essa modernização no campo político e comercial, buscando novas fontes de riqueza em suas possessões ultramarinas (PUIG-SAMPER, Miguel Ángel. *Las expediciones científicas españolas en el siglo XVIII*. Canelobre: Revista del Instituto Alicantino de Cultura Juan Gil-Albert, Csic. Madrid, España, n. 57, pp. 20-41, 2011. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4098632>>, p. 20.)

² A Espanha no marco da concorrência com outras potências coloniais, como a Holanda e a Inglaterra, os interesses políticos, taxonômicos e econômico-comerciais se faziam objetivos primordiais: “Las políticas económicas coloniales estimularon el desarrollo de la farmacia y la taxonomía vegetal, y que dichas prácticas constituyen importantes formas de control tanto de la naturaleza como de la sociedad” (NIETO OLARTE, Mauricio. *Historia Natural y la Apropiación del Nuevo Mundo en la Ilustración española*. Bulletin de l’Institut français d’études andines [En línea], 32 (3) 2003, Publicado el 08 diciembre 2003. Disponível em: <http://bifea.revues.org/6049>. p. 419)

matérias sobre os mais diversos territórios que, desde Lima, era praticamente desconhecido, mas que foi visto como “peruano”.

Partindo dessa documentação, o objetivo desse texto é mostrar a partir do *Mercurio* e das matérias que aparecem nesse periódico sobre ciência e conhecimento útil ancorados na corrente ilustrada do século XVIII, que teve como marco estrutural a História Natural e suas teorias classificativas e taxonômicas. Tema esse tratado no segundo tópico deste artigo. Bem como a importância dada a geografia pelos redatores do periódico e a forma utilizada por esses intelectuais para apresentar as diversas possibilidades de exploração das riquezas naturais do Peru, e como isso possibilitou uma consciência geográfica promovendo uma apropriação redacional cartográfica, tratado na parte final desta reflexão. Acerca deste último ponto, cujo tema gira sobre descrição geográfica nas páginas do periódico, o primeiro ponto tratado no tópico inicial é sobre a importância dada a geografia durante os anos de colonização espanhola no Peru, e como isso foi apropriado pelos redatores do *Mercurio*, que em diversas ocasiões, chamaremos de *mercuristas*, como indica a bibliografia consultada.³ Esta apropriação só foi possível como tentaremos mostrar a partir do que podemos chamar de uma tradição geográfica.

³ As referências do periódico configuram-se em: Mercurio Peruano ; algarismo romano (Tomo); ano de publicação e folha (f) para a página. Tal como é citado na bibliografia sobre o periódico. Os doze tomos do periódico encontram-se em sua totalidade disponíveis digitalizados no portal “Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes”, com a versão fac-similar publicada em 1964 pela BNP. Em nossas pesquisas temos utilizado a versão digitalizada dos tomos originais de 1791-1795 disponibilizada no site archive.org pela “Biblioteca John Carter Brown”, A versão digitalizada pode ser encontrada no link: <https://archive.org/search.php?query=creator%3A%22Sociedad+Acad%C3%A9mica+de+Amantes+de+Lima%2>

1. TRADIÇÃO GEOGRÁFICA NO PERU: DA CONQUISTA AO SÉCULO XVIII.

Em termos gerais a geografia em um sentido mais amplo – descrições cartográficas e referências naturais – sempre esteve presente desde os primeiros tempos da conquista. Houve na segunda metade do século XVI uma enorme produção relacionada ao conhecimento geográfico da “América” e do “Peru”. Essa produção visava objetivos estratégicos e de segurança, e, sobretudo, de colonização.⁴

Os primeiros relatos geográficos foram realizados por cronistas que acompanhavam as armadas espanholas durante a colonização. Relatavam eventos, datas que consideravam importantes, descrições etnográficas e naturais, etc. O impulso de tais crônicas partia da Coroa, que determinava que no Novo Mundo os empreendimentos conquistadores deveriam levar com elas uma pessoa capaz de fazer *la descripción de la tierra*, bem como suas riquezas. Descrições nesse sentido constituíram as chamadas *relaciones geográficas*. Junta-se a este tipo de material as crônicas feitas pelos soldados, em nomes como de Cieza y Estete, e também dos conhecidos, José de Acosta y Bernabé Cobo. Estes personagens foram os que “descobriram” o Peru geograficamente, ao apresentar o território com seus grandes contrastes e diversidade ecológica, levantando inventários da flora e a fauna peruana antes mesmo de existir as classificações conhecidas do século das luzes. As crônicas foram uma boa forma que a Coroa espanhola encontrou para a elaboração de obras de caráter geográfico, sob a pluma de seus funcionários em especial o “Cosmógrafo Cronista”. Destaque para obra de Juan López de Velasco, autor de *Geografía y descripción Universal de las Indias* (1574), esta publicação estabelece a clássica divisão tripartida de regiões peruanas “Costa”, “Sierra” e “Montaña”.⁵

No século XVII a produção geográfica foi escassa, sobretudo a respeito a da região da selva, ou “Montaña”. Segundo Hildegardo Córdova Aguilar (2003) faltava relações geográficas detalhadas de áreas menores tal como os valles, o uso do solo, distribuição populacional e “conocimiento concreto del espacio amazónico”.⁶ Ainda neste século, salienta Córdova Aguilar, as explorações de tipo geográfico diminuíram, mas foi a época do surgimento sistemático das “Guías del Peru”, publicadas de 1680 até o final do século XIX. Mesmo assim, algumas obras merecem destaque como a de Diego Vaca de Castro (1619) que trouxe algumas

⁴ PINEDA, Ccente.; et al. *Perspectivas de desarrollo de la geografía en el siglo XXI*. El devenir de la geografía en el Perú. Tesis (Geógrafo)-- Universidad Nacional Mayor de San Marcos. 2003 (ONLINE) http://sisbib.unmsm.edu.pe/bibvirtual/Tesis/Ingenie/Ccente_P_E/cap6.htm

⁵ *Idem*.

⁶ CÓRDOVA AGUILAR, Hildegardo. *La Percepción Geográfica Del Perú Entre 1790 Y 1880*. BIRA 20 (Lima) 1993. pp. 107-116. p. 107.

considerações sobre as populações indígenas – “Maynas”, “Jíbaros” e “Cocamas” –, e o trabalho de Pedro Texeira com a sua obra, *Relación del descubrimiento del Río Amazonas y San Francisco de Quito y declaración del mapa donde está Pintado* (1638); sobressai, também, o nome de Antonio León Pinelo (1612-1658) que apresentou regiões importantes para estudo da flora e da fauna. Localiza-se ainda nesse século a obra indígena de Felipe Guamán Poma de Ayala e sua incrível, *Nueva Crónica y Buen Gobierno* (1600-1615). Esta preponderante contribuição histórica e etnográfica, ajuda a conhecer os mecanismos sociais e políticos que influenciaram a distribuição espaço-territorial da colônia.⁷

Se no século XVII as produções foram escassas, no século seguinte a situação foi outra. O século das luzes, ou da ilustração como ficou conhecido nas possessões espanholas, a geografia impulsionada pelas mudanças epistemológicas deste período, passou a ser uma questão chave. A nova dinastia espanhola dos Bourbons, e seu esforço em incorporar as mudanças no campo do saber fomentou projetos de desenvolvimento científico, como ocorria na Europa ocidental. Dentro do que ficou conhecido como “Despotismo Ilustrado” neste século, as mudanças espanholas por meio das Reformas Bourbonicas, buscou com isso revitalizar toda a potencialidade da Espanha perante as outras potencias europeias, que estavam de olho na América e faziam duras críticas a colonização peninsular.⁸

Esse interesse renovado pelas colônias e por suas potenciais riquezas é perceptível na publicação da Cédula Real de 19 de Julho de 1741 sob as ordens de Felipe V, direcionada aos vice-reis coloniais da Nueva Espanha, Peru e Nueva Granada e a todos os governadores, capitães gerais, presidentes de audiências das províncias americanas:

apliquen toda su atención y conato en adquirir por los informes de los alcaldes mayores y justicias de los partidos subalternos y por todos los demás medios posibles, las noticias particulares que necesiten para el conocimiento cierto de los nombres, número y calidad de los pueblos de su jurisdicción y de sus vecindarios; de sus naturalezas, del estado y progresos de las misiones, de las conversiones vivas y de las nuevas reducciones, no sólo del estado actual, sino también de la novedad que en adelante fuese ocurriendo.⁹

⁷ PINEDA, Ccente. *Perspectivas de desarrollo... op cit.*

⁸ O Auge da ilustração da Espanha foi sobre o reinado de Carlos III (1759-1788). “La política de Carlos III generó una serie de cambios y transformaciones en la metrópoli, muchas de ellas trasladadas al Nuevo Mundo especialmente en la educación. La expulsión de los Jesuitas ocurrida en 1767, permitió la aparición del Convictorio de San Carlos (1771) y un conato de reforma en la Pontificia Universidad de San Marcos.” (PINEDA, Ccente; et al, *La Percepción Geográfica*. 2003 op cit. p. 104.

⁹ Fragmento citado em: DOMÍNGUEZ FAURA, Nicanor. *La conformación de la imagen del espacio andino: Geografía e Historia en el Perú colonial. (1530-1820)* Crónica bibliográfica. Revista Andina 21, nº 1, 1993, p. 214.

Sobre a sombra das políticas reformistas dos Bourbons vieram as expedições científicas, cujo um dos objetivos era mapear e classificar o mundo natural americano. Nicanor Domínguez Faura (1993) indica que a coroa espanhola no século XVIII esteve sob influência do iluminismo francês, que junto trazia “las nuevas ideas racionalistas, entendidas como la mejor manera de controlar, mediante su conocimiento, a la Naturaleza”.¹⁰ A série de expedições francesas e espanholas decorrentes dessa nova política imperial objetivava ampliar os dados geográficos e fixar a localização de pontos e lugares mediante as observações astronômicas. Promovendo, também, o registro de novos recursos naturais por meio das expedições botânicas.

Nesse ambiente ilustrado mesclado com dinamismo econômico, os redatores do *Mercurio Peruano* empolgados com essa onda comentaram que as expedições científicas “deben borrar las tristes memorias de las expediciones de sangre. Ellas conducen a los pueblos remotos la cultura, la policia, las artes y un sinnúmero de bienes”.¹¹

A primeira dessas expedições foi a de Louis Feuillée (1709), conhecido na França por sua posição dentro da Academia de Ciências de Paris, tendo sido ainda Botânico do Rei Da França. Feuillée esteve nas costas chilenas e peruanas; estipulou a posição geográfica de Lima e traçou os planos urbanos desta cidade e Callao. De suas viagens resultou a publicação do *Journal de Observations Physiques, Mathematiques et Botaniques de l’Amerique Meridionale*.¹² Entre 1712-1714 esteve no Perú, Amadée Francois Frézier Continuando o projeto dos Bourbons; foi autorizado em 1735 a expedição de Charles Marie de La Condamine para medir o arco do meridiano terrestre no Equador, também promovida pela Academia de Ciências de Paris, estando a bordo os franceses Godin, Bourger, La Condamine e os espanhóis Jorge Juan y Antonio De Ulloa. Resultando a publicação das *Noticias Secretas de América, e a Relación Histórica del viaje a la América Meridional* (Madrid, 1748, 4 vols.) de Juan e Ulloa. Nas páginas desse informe encontra-se as condições geográficas de Lima, notícias das riquezas minerais do Peru, sobre a fertilidade da terra e uma extensa relação de plantas e frutas.¹³

Ao final do século, o Vice-reino volta a receber novas expedições científicas envidas pela Coroa espanhola, que ainda estava em busca de informações detalhadas sobre os recursos naturais das regiões andinas. Este é o caso da expedição botânica de Hipólito Ruiz e José de Pavón, onde foram reunidas enormes quantidades de informações especializadas sobre botânica

¹⁰ *Ib id*, p. 213.

¹¹ *Mercurio Peruano*, IX, 1793, f. 25. Também não foi deixado de lado pelos redatores do periódico, as expedições de Ruiz y Pavón (1777-1788) e Malaspina (1789-1795).

¹² CORDOVA AGUILAR, Hildegardo. *La Percepción Geográfica...* op cit, p. 109.

¹³ *idem*.

desde as premissas lineanas editadas em 1792. A outra grande expedição do final do XVIII foi a empreendida entre 1780 pelo navegante italiano, Alejandro Malaspina, este esteve durante dez anos e realizou observações sobre o meio físico natural, publicando vários planos e mapas, sendo um deles sobre Lima intitulado *Plano del Fondeadero del Callao y Costas inmediatas desde La Punta Chilca asta el Cerrro de la Arena em el Puerto de Ancón* com sua companhia expedicionária nas costas peruanas em 1790, junto veio Felipe Bauzá, que escreveu sua *Descrição do Peru* em 1799 e o científico checo-alemão Tadeo Haenke. A última grande expedição realizada no período colonial por estes viajantes filósofos, cuja matriz científica geográfica os guiava, foi a do Alemão Alexander Von Humboldt que esteve no Peru em dezembro de 1802.¹⁴

Temos na segunda metade do século XVIII uma intensa e rica produção de investigações geográficas do Perú. Nos anos de 1787 e 1788 veio a luz o *Diccionario Geográfico- Histórico de las Indias Occidentales* de Antonio Alcedo y Herrera. Depois aparece a *Descripción del Perú* do importante e prolixo, Cosme Bueno. Este último foi Cosmógrafo Maior do Vice-reino Peruano, tendo sido também professor na *Universidad de San Marcos*. Esta publicação apresenta uma visão regional do Peru ao descrever cada uma das províncias.¹⁵ Cosme Bueno realizou diversas sínteses dos informes que recebia, e como desde 1757 era redator de um almanaque anual chamado de *El Conocimiento de los Tiempos*, publicou ali descrições agrupadas entre 1764 e 1778, estudo que é imprescindível para a geografia peruana do século XVIII.¹⁶

A geografia aparece como objeto constante entre os ilustrados peruanos do século XVIII. Influenciados pelo enciclopedismo, um caso especial é o do intelectual peruano José Eusebio de Llano Zapata. Autodidata de uma erudição admirável, pode empreender uma viagem entre 1750 por Chile, Buenos Aires, Rio de Janeiro e Cadiz. Dessa experiência realizou

¹⁴ DOMÍNGUEZ FAURA, Nicanor. *La conformación de la imagen...*, op cit, p. 220-221. Destas expedições realizadas pelos chamados viajantes filósofos foram publicados diversos diários e livros de viagens. Seguindo a Mary Luise Pratt, entendemos que “los libros de viajes les dieron a los públicos lectores europeos un sentido de propiedad de derecho y familiaridad respecto de las remotas partes del mundo en las que se invertía y que estaban siendo exploradas invadidas y colonizadas. Los libros de viajes tenían éxito. Generaban una sensación de curiosidad, emoción, aventura y hasta fervor moral acerca del expansionismo europeo. Además, propongo la hipótesis de que esos libros fueron uno de los instrumentos clava para hacer que las poblaciones ‘locales’ de Europa se sintieran parte de un proyecto planetario o, para decirlo con otras palabras, de la creación del ‘sujeto doméstico’ del imperio”. (PRATT, M. L. *Ojos imperiales: Literatura de viajes y transculturación*. México: FCE, 2010, p. 24)

¹⁵ PINEDA, Ccente; et al. *Perspectivas de desarrollo* p. 110. Em 1775 surge o *Mapa Geográfico de La América Meridional* composto por oito folhas sob a autoria de Juan de La Cruz Cano y Ormedilla. Neste mapa toda a produção que fora feito antes aparece ali recompilada contendo os informes dos mapas de Juan y Ulloa, Fritz, La Condamine e Feuilée. (*Idem*)

¹⁶ DOMÍNGUEZ FAURA, Nicanor. *La conformación de la imagen...*, op cit, p. 215.

observações geográficas e adquiriu diversos informes sobre estas regiões e escreveu em 1757 o *Memórias histórico-Físico-Apologéticas de la América Meridional*. Enciclopedista, foi um grande investigador cuja inteligência abarcava ciências físicas, medicina, literatura e ciências naturais tendo como inspiração o modelo de Descartes.

Na segunda metade deste século foi criado no Peru o *Convictorio de San Carlos*, fruto da reforma educacional promovida pelos Bourbons. Com a expulsão dos jesuítas, houve um espaço a ser ocupado no campo da educação. Foi assim que os colégios de San Martín e San Felipe deu origem a criação do *Convictorio* em 1771, se tornando um centro de estudos sobre novas correntes científicas inspiradas pela ilustração.¹⁷ Em 1785 foi indicado como reitor do *Convictorio* Toribio Rodríguez de Mendonza, este fizera uma profunda reforma no plano de estudos do *Convictorio* que teve um aprofundamento nos estudos sobre a Geografia do Peru. Desse *Convictorio* saiu alguns dos intelectuais que participaram posteriormente na elaboração *Mercurio Peruano*: Baquijano y Carrillo, Toribio Rodríguez de Mendoza, Ambrosio Cerdán de Landa, sendo uma das suas principais preocupações a geografia do Peru.

Fruto do impulso renovador promovido pelas Reformas Bourbônicas, surge, como salienta Domínguez Faura, “una cultura dirigida”, é o caso das *Sociedades Económicas*.¹⁸ Estes grupos se dedicavam a estudar as questões regionais e mapear as possíveis melhoras na exploração econômica no âmbito colonial. O *Mercurio Peruano* é resultado dessa onda de cultura dirigida, fundando com o apoio do Vice-Rei Gil de Taboada y Lemos (1790-1796) o grupo que formava *Sociedad Académica Amantes del País*, cuja materialização intelectual foi efetivamente a publicação do periódico entre os anos de 1791-1795. Em seus doze tomos inclui-se uma série de descrições geográficas de diversas partes do vice-reino peruano. O periódico sob a inspiração redacional de Hipolito Unanue, Jose Rossi y Rubi, José Javier de Baquijano y Carrillo e outros, inseriram descrições geográficas importantes como as *Descripción de Maynas* de Requena (1791), *Descripción Geográfica de la Provincia de Chachapoyas* de Safronio (1792), *Descripción Geografica de la Provincia de Tarma* de Millán Aguirre (1793), *Descripción del Partido de Saña o Lambayeque* (1793), *Descripción del Partido De Coxamarca* (1794) de Lecuanda, *Descripción de la Provincia de Caxatambo* (1794), *Descripción de la Provincia de Abancay* de Espinavete López (1795), etc. Desta produção,

¹⁷ Sobre o comando do Vice-rei Don Manuel Amat que “animado por la protección a las ciencias y letras que dispensaba Carlos III, se constituyó el Convictorio carolino, donde se inició estudios de Aritmética, Algebra y Geometría, además de filosofía moderna; las doctrinas de Newton fueron escuchadas con admiración en el colegio y fuera de él. Inicialmente el Convictorio adelantó muy poco bajo la dirección de sus primeros rectores Lazo y Arquellada”. (PINEDA, Ccente; et al. *Perspectivas de desarrollo...* op cit, p. 108)

¹⁸ DOMÍNGUEZ FAURA, Nicanor. *La conformación de la imagen...*, op cit, pgs. 218-219.

como infere Córdova Aguilar, “puede afirmarse que el *Mercurio Peruano* sirvió bien a la divulgación de la información geográfica peruana”¹⁹, sobressaindo assuntos sobre plantas como os artigos de Padre Gonzáles Laguna e, ainda, o tema em voga na época da ilustração – a “teoria do clima”²⁰ – que via a influência do clima sobre o homem peruano em que se debruçou o *mercurista* Hipólito Unanue²¹ e outros muitos artigos dedicados a questões estatísticas sobre o Peru.

Destas considerações, soma-se as relações geográficas e cartográficas dos Jesuítas e Franciscanos em suas missões na região amazônica. Estas inscrições selva a dentro se fez voz a partir de 1790 e o *Mercurio Peruano* publica as informações de Sobreviela em seus números (MP, II, 1791, fls, 226-244; III, 1791, fls, 49-66; V, 1792, fls, 89-123; VI, 1792, fls 165-188; XI, 1794, fls, 276-291). A respeito desse tema o historiador Peruano, Raúl Porras Barrenechea, comenta que,

La ciencia geográfica jesuita y franciscana ofrece, en este siglo, el primer mapa del Marañón del Padre Samuel Fritz, los estudios etnográficos del jesuita Francisco de Figueroa, la fundación del monasterio franciscano de Ocopa en el linde de la selva, la marcha de los frailes menores hacia el Pajonal y la Pampa del Sacramento. el descubrimiento del Aguaytía, la navegación del Pachitea, las notas etnográficas del Padre Amich sobre los indios del Ucayali y los mapas del Ucayali y del Huallaga de los padres Sobreviela y Girbal publicados como el mayor trofeo geográfico en el *Mercurio Peruano* de 1791.²²

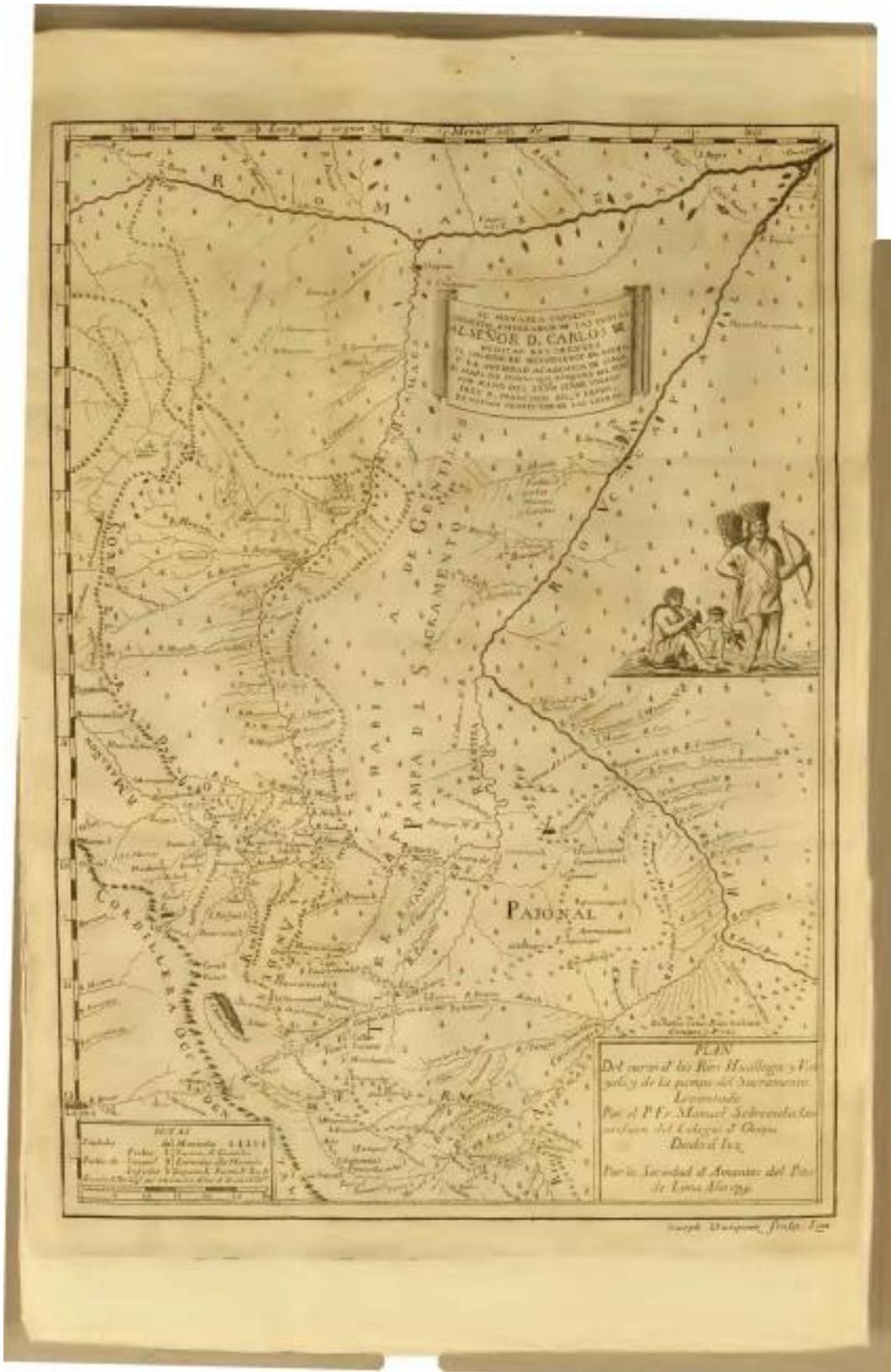
O mapa do Ucayali e do Huallaga referido nas palavras de Porras Barrenechea de Fray Sobreviela, (MAPA 1) funcionou como impulso do conhecimento geográfico sobre a região da “Montaña”, ou amazônica.

¹⁹ CÓRDOVA AGUILAR, Hildegardo. *La Percepción Geográfica...* op cit, p. 111.

²⁰ No século XVIII a teoria conhecida como “dos climas”, onde o clima influenciaria na constituição moral do homem, foi fundamenta por ilustrados como Montesquieu, sobre tudo nas ciências, nomes como o de Buffon que afirmava em sua História Natural “Encuanto comenzó el Hombre a cambiar de cielo y se expandió de clima em clima, su naturaleza sufrió alteraciones” (apud: CLÉMENT, Jean-Pierre. *El Mercurio Peruano, 1790-1795*. Frankfurt; Vervuert; Madrid: Iberoamericana. Vol 1: Estudio. Vol 2: Antología. 1997. p. 247)

²¹ UNANÚE, José Hipólito. *Observaciones sobre el clima de Lima y sus influencias en los seres organizados en especial el hombre (1806)*. In: Obras científicas y Literarias de José Hipólito Unanue. Lima: Editorial Universo, 1975. Tomo Primeiro.

²² PORRAS BARRENECHEA, Raul. *Fuentes Históricas Peruanas*. Lima: Universidad de San Marcos. 1963, p. 401. Citado em: CÓRDOVA AGUILAR, Hildegardo. *La Percepción Geográfica...* op cit, p. 111. Ainda, segundo Domínguez Faura, “también pueden aquí mencionarse los ‘itinerarios de viajes’, informes escritos por funcionarios coloniales luego de viajes de inspección, como el que realizó el visitador de la Real Renta de Correos, Alonso Carrióde la Vandra, entre Buenos Aires y Lima, entre 1771- 1772 (dio origen al *Lazarillo de Ciegos Caminantes*, Lima, 1776, o el que hiciera por las mismas zonas entre 1779-1781, como funcionario de la Real Renta de Tabacos, Francisco de Paula Sanz”. (DOMÍNGUEZ FAURA, Nicanor. *La conformación de la imagen...*, op cit p. 217.)



MAPA 1: Plan Del curso de los Rios Huallaga y Ucayali, y de la pampa del Sacramento / Levantado por el P. Fr. Manuel Sobreviela, Guardian del Colegio de Ocopa, en 1790. Único mapa Inserido no *Mercurio Peruano*. Tomo III, 1791, f. 109 ~.²³,

²³ Em outro espaço comentamos que o “Padre Sobreviela, além do diário e de diversas descrições, elaborou e deu a conhecer em 1791 o “Plan del curso de los rios Huallaga y Ucayali y de la Pampa del Sacramento”, acompanhado

De modo geral, identificamos uma tradição de interesses geográfico no Peru desde a conquista. No início da década de 1790, tempo de produção do periódico *Mercurio Peruano* pela *Sociedad Académica Amantes del País*, percebe-se que já se tinha um conhecimento global das condições físico-naturais do continente americano e peruano. Tanto é que já havia despertado no Peru o interesse em conhecer as condições ambientais e recursos naturais da vasta região do vice-reino, motivados sobretudo pelas visitas dos naturalistas europeus. O *Mercurio* da continuidade a esta tradição, por meio de instrumentos da ilustração visando apresentar a geografia de seu “país” a partir de um conceito importante que pode ser identificado desde as primeiras linhas do periódico, a saber, o “conocimiento útil”.

de uma narrativa explicativa. O “plan”, de fato, priorizava os rios, em particular o Huallaga, nessa altura mais conhecido, e marcava as sete entradas para a montanha que Sobreviela logrou estabelecer, destinadas a serem percorridas pelos missionários e futuros moradores da região.” (LONDOÑO, Fernando Torres; CUNHA, Sharley José. *Ilustração limenha e o Peru além dos Andes no periódico Mercurio Peruano (1791-1795)*. Antíteses, [S.l.], v. 12, n. 23, p. 29-56, ago. 2019. ISSN 1984-3356. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/35947/25869>>.doi:<http://dx.doi.org/10.5433/1984-3356.2019v12n23p29>.

2. O MERCURIO PERUANO (1791-1795): ILUSTRAÇÃO E CONHECIMENTO UTIL.

O periódico *Mercurio Peruano* (1791-1795)²⁴ deve ser entendido dentro da influência promovida pela *ilustracion* espanhola sobre a elite intelectual peruana. Essa ilustração dialoga em um primeiro momento com o que Beatriz Helena Domingues chamou de “*Ilustración católica*”. Segundo a autora, este tipo de Ilustração é entendido como uma corrente da Ilustração racionalista europeia voltada a demonstrar a não existência de conflito entre o cristianismo e uma compreensão científica e moderna da realidade do mundo e da história:

para los adeptos de esta corriente, la concepción ilustrada del mundo no podía reducirse al estrecho racionalismo crítico y antirreligioso de los filósofos. Sus obras – sean históricas, literarias o científicas – están animadas por el deseo de penetrar en los nuevos campos que la ciencia y a erudición les abrirán. De tal forma que, a pesar del rechazo a los postulados anticristianos de los enciclopedistas y de los filósofos en general, su afán para conciliar tradición y novedad se amparaba en bases intelectuales sólidas, visibles en su método, en su exégesis y en su estilo.²⁵

Na mesma linha, a concepção do filósofo Johnny Octavio Obando Morán sobre a matriz ilustrada do periódico nos faz perceber que o *Mercurio* no século XVIII aparece como uma expressão renovadora das ideias da época no Peru. Porém, para esse autor, essa renovação foi bastante parcial, por ter se reduzido ao âmbito do conhecimento, que era muito deficitário, e ainda por não “decir que fue empirista de claro signo realista tomista”.²⁶

²⁴ Seguindo aos prestigiosos modelos europeus, se elege repetidamente o título de “mercurio” (*Mercurio de México* 1739-1742, *Mercurio volante* de José Ignacio Bartolache 1772, *Mercurio Peruano* 1790-1795), para umas publicações destinadas a “llevar [...] noticias a todas partes, como um mensajero que anda a la ligera” (BARTOLACHE citado em: POUPENEY HART, 2010, p.13). Se justifica o nome nos mesmos termos conforme um dos textos do *Mercurio*: “[...] siendo Mercurio el Mensajero de los Dioses, y nuestro Papel el que habia de llevar las noticias por el Universo, pareció convenirle este nombre [...]”. (*Mercurio Peruano*, XI, 1794, f. 260).

²⁵ DOMINGUES, Beatriz Helena. *Clavigero y la ilustración. Consideraciones sobre América y los americanos desde la perspectiva del exilio*. in: Alfonso Alfaro et al. (Coord.). *Francisco Xavier Clavigero, un humanista entre dos mundos: entorno, pensamiento y presencia*. México: FCE, 2015. p. 282. Vale ainda mencionar a proposta apresentada por Clément onde “Catolicismo Ilustrado” no *Mercurio* pode ser visto como S. MERKLE pontua: “se há carecterizado por la continuación em muchos setores de la reforma tridentina (cultura bíblica, atención por la catequesis) y por rasgos nuevos resultantes de la evolución del siglo XVIII: interés por la liturgia, desprecio a las formas populares de la devoción, sentido histórico, espíritu crítico, gusto por la historia de la Iglesia, oposición al escolasticismo, austeridad moral (recharzo del probalismo), apego a las lenguas vulgares, crítica del estilo barroco em la predicación, actitud coprensiva, ecuménica, hacia los protestantes” (*Apud*: CLEMENT, J-P. *El Mercurio Peruano...* op cit, p. 141)

²⁶ OBANDO MORÁN, J. Octavio. *La ilustración peruana a través de El Mercurio Peruano (1791- 1795)*. 10.4000/bifea.6049 Nueva Corónica [en línea]. 2013, no. 1, v. 21 p.20 ISSN 2306-171, p.1.

Sustenta o filósofo a permanência de uma tônica “ontológica tomista-aristotélica hispânica” que “afectó a todos los aspectos de la conciencia y el pensamiento”. Essa dimensão teria sido concebida em uma esfera empirista-realista. A *Ilustración* peruana seguiu com olhos “ontológicos tomista-aristotélicos hispânicos”, e isso teria acentuado o conhecimento descritivo como verdadeiro conhecimento.²⁷ Sendo este um dos sentidos de Ilustração que a elite *criolla* se propôs a pensar o Peru e o expor nas páginas do *Mercurio*

Com advento dos Bourbons a sociedade espanhola experimentou um intenso fluxo de ideias no século XVIII. “La nueva dinastía comprensiblemente favoreció la renovación material, social y cultural de la nación española mediante la importación de libros y el establecimiento de nuevas instituciones, tales como las academias y las sociedades económicas”,²⁸ ambas foram modelos similares as já existentes na Europa. Para se ter uma ideia, em 1789, a Espanha contava com 56 “sociedades” diferentes.

De modo similar a Espanha surgiu as “*sociedades amigos del país*” na América. A exemplo da *Sociedad de amigos del País* espanhola, José Rossi e Rubi, o italiano que desde 1780 vivia no vice-reino do Perú, funda junto com outros intelectuais a *Sociedad Amantes del País* em Lima no final da década 1780, considerada a primeira a alcançar uma existência institucional.

A figura de Rossi e Rubi é chave para entender pensamento ilustrado limenho. Ele organizava encontros literários, as chamadas *tertulias* com outros intelectuais durante a década de 1780, de onde em 1787 saiu a primeira *Academia Filarmónica* – com características similares as da Espanha – contava com o importante médico e científico, Hipolito Unanue. Rapidamente essa iniciativa ganhou adesão de outros notáveis intelectuais como o caso do *criollo* José Baquijano y Carrillo. Essa academia tinha como proposito servir a “pátria”. Essa nova associação decidiu reformar a importante e conservadora Universidade de San Marcos nos anos finais de 1780. Em eleições para o cargo de reitor da universidade, José Baquijano y Carrillo não consegue se eleger. Mas, ressalta Guibovich Pérez, apesar da derrota em 1787, o grupo ilustrado na Universidade, promoveu abertura a novas e promissoras perspectivas. Esse grupo de entusiastas ilustrados ajudaram a criar a *Academia Filarmônica* e mais tarde a *Sociedad Amantes del País* como um espaço alternativo ao desenvolvido na universidade. Dos

²⁷ *Idem.*

²⁸ GUIBOVICH PÉREZ, Pedro. *Alcances y límites de un proyecto ilustrado: la Sociedad de Amantes del País y el Mercurio Peruano. Histórica*, [S.l.], v. 29, n. 2, p. 45-66, mar. 2005. ISSN 0252-8894. Disponível em: <http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/historica/article/view/1277>. P.48

trinta membros acadêmicos, elegidos por pluralidade de votos, 22 eram limenhos. A principal tarefa dos acadêmicos era escrever para o *Mercurio Peruano*.

Em 1793 a *Sociedad Amantes del País*, mesmo tendo seu estatuto pendente de aprovação, levou Unanue a escrever um ambicioso plano de temas de interesses para o *Mercurio Peruano*:

El plan, presentado en la junta del 12 de febrero de 1793, era extenso y quizá demasiado ambicioso, porque comprendía 25 divisiones y 75 subdivisiones temáticas. Las principales divisiones eran la Historia Antigua, la Historia Civil Moderna, la Geografía, la Historia Eclesiástica, la Literatura Peruana, la Política, la Educación Moral, la Economía Pública, la Agricultura, el Comercio, la Física, la Química, la Mineralogía, la Botánica, la Anatomía, la Medicina Práctica, la Historia Natural, las Bellas Letras, la Poesía y las Noticias Públicas. Se publicó en el Mercurio Peruano, No. 331, 6 de marzo de 1794, ff. 151-158, y No. 332, 9 de marzo de 1794, ff. 159-160²⁹

La Sociedad fundada em Lima fez pouco durante os anos de sua existência, exceto editar o *Mercurio Peruano*. Segundo Guibovich Pérez, “la Sociedad y el *Mercurio Peruano* eran una misma cosa, o, dicho de otra manera, la *Sociedad* existía para editar el periódico”.³⁰

O meio mais rápido de difusão da ilustração para todas as classes de cidadãos era pelos periódicos, por todas as facilidades que um periódico tem frente às grandes obras, que pouco se liam – muito em função dos livros serem para muitos, inacessíveis. A importância da imprensa periódica como meio de transmissão de conhecimento foi também compartilhada pela autoridade máxima do Peru deste período, o vice-rei Francisco Gil de Taboada y Lemos, governante entre 1790 e 1796.³¹ Os redatores do *Mercurio* partilhavam dessa mesma compreensão, “el espíritu del siglo es propenso a la ilustración, a la humanidad y la filosofía. La América, que desde muchos tiempos se hallaba poseída de esas mismas ideas, se ha unido insensiblemente en adoptar un medio muy oportuno para transmitir las; este es el de los Periódicos”.³²

²⁹ *Idem*, p. 54

³⁰ *Ib id*, p. 56

³¹ POUPNEY HART, Catherine. “*Prensa Periódica y Letras coloniales*”. In: Tinkuy: Boletín de investigación y debate, ISSN-e 1913-0481, Nº. 14, 2010, pp. 1-34. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3296406>>; GUIBOVICH PÉREZ, Pedro. Alcances y límites de un proyecto ilustrado: la Sociedad de Amantes del País y el Mercurio Peruano. *Histórica*, [S.l.], v. 29, n. 2, p. 45-66, mar. 2005. ISSN 0252-8894. Disponível em: <http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/historica/article/view/1277>

³² *Mercurio Peruano*, I, 1791, f. 308.

O conteúdo do *Mercúrio* foi bastante diverso, a economia teve uma presença muito significativa junto com a geografia e filosofia. O *Mercurio Peruano* imprimiu numerosas descrições corográficas das regiões do vice-reino peruano, embora o propósito fosse a melhoria da economia com o avanço do conhecimento. Se trata de um periódico dirigido a um público geral, culto e necessariamente erudito.

La Sociedad se deu a conhecer mediante a publicação em 1790 do prospecto anunciando o *Mercurio Peruano*. O prospecto chamava a atenção para importância da imprensa para difusão do conhecimento, mencionava como isso já estava ocorrendo em outros países. Reclamavam que faltavam mais informações sobre o Peru:

La escasez de noticias, que tenemos del Paiz mismo, que habitamos, y del interno; y los ningunos vehículos, que se proporcionan para hacer cundir en el Orbe Literario nuestra naciones, son las causas de onde nace, que un Reyno como el Peruano, tan favorecido de la naturaleza en la benignidad del Clima, y en la opulencia del Suelo, apenas ocupa un lugar muy reducido en el quadro (*sic*) del Universo, que nos trazan los Historiadores.³³

Pontuavam ainda a falta de informações “en particular acerca de su comercio, minería, artes, agricultura, pesca, manufacturas, literatura, botánica, mecánica, religión y costumbres públicas; pero también sobre los sucesos de actualidad relativos a ‘nuestra nación’ así como de los pueblos extranjeros”.³⁴

O primeiro número do *Mercurio* data de janeiro de 1791 declarava seu principal propósito: “El principal objeto de este Papel Periódico, según el anuncio que se anticipó en su Prospecto, es hacer más conocido el País que habitamos, este País contra el cual los Autores extranjeros han publicado tantos paralogismos”.³⁵ A Ilustração *criolla* distingue-se da Ilustração europeia presente na América, pois assume condições próprias e um sentimento patriótico, uma identidade patriótica. Esses *criollos* tinham uma identidade local: escreviam como quitenhos, limenhos etc., não como espanhóis. Podemos, com isso, relacionar esta produção dentro do que destacou Antonello Gerbi (1996) ao trazer a “polemica do novo mundo”³⁶. Segundo esse autor as ideias difamativas dos ilustrados europeus lançadas sobre a América (Raynal, De Pauw, Buffon) os ataques ao catolicismo e os ataques também aos

³³ *Mercurio Peruano, I. prospecto, 1790, f. IX*

³⁴ GUIBOVICH PÉREZ, *Alcances y límites de un proyecto ilustrado* 2005. p. 53.

³⁵ *Mercurio Peruano, I, 1791, f. 1.*

³⁶ GERBI, Antonello. *O Novo Mundo. História de uma Polêmica (1750-1900)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

criollos, servem de incentivos para conhecer a realidade da América e particularmente do Peru – mas ao mesmo tempo se diferenciando dos indígenas, negros e seus compatriotas. Os *mercuristas* se colocam na “polêmica” e nos insere nesses debates teóricos ocorridos ao longo do século XVIII:

todo lo contrario, se manda para los casos em que los dicterios o las sátiras se dirijan contra nuestra patria el Perú. Entonces la Sociedad hará todos los esfuerzos posibles, has sacrificarse para su defensa. si los detractores son literarios del otro hemisferio, especialmente si son extranjeros, deberá la Sociedad impugnarlos con las pruebas de hecho, y con los racionios más vehementes.³⁷

Para os redatores do periódico, se os detratores europeus sustentam a tese de que há inferioridade dos americanos, é porque não conhecem a realidade do Novo mundo. Comentam os *mercuristas* que estes intelectuais são, “tan ajeno y distante de la realidad que da bien a conecer que sus dicterios son efectos del odio”³⁸. Os *mercuristas* sublinham que De Pauw (outro importante e polémico naturalista detrator da América) é de péssimo caráter, e também, afirmam que sua cientificidade para esta discussão é nula. Pois, o naturalista ao considerar que todos os indígenas americanos são membros de uma mesma etnia, e que vivem em um mesmo estado de civilização primitiva e ao confundir os peruanos como os esquimós, por exemplo³⁹. Para os redatores do periódico, a falta de rigor de De Pauw é tamanha, que chega por em um mesmo nível *criollos* e indios.⁴⁰

No *Mercurio* os editores ao refutar as ideias negativas sobre *criollos*, mostravam-se como capazes intelectualmente de realizar estudos sobre a realidade do vice-reino que segundo defendiam, “desde el establecimiento del Mercurio, hemos procurado dar à luz algunas descripciones de distintos territorios del País, con el doble motivo de dar a conocer su situación local y sus costumbres, su industria y su comercio”.⁴¹ Nos comentários de Rossi y Rubi, eles se viam como, “Jóvenes todos, empleados algunos, en el servicio del Rey, otros graduados en los diversos ejercicios de la Universidad, otros ministros del altar, hemos abrazado unánimes y gustosamente la difícil empresa de abrimos una nueva senda, que nos conduzca al término feliz de ser útiles a la Patria”.⁴²

³⁷ *Mercurio Peruano*, II, 1791, f. 132.

³⁸ *Mercurio Peruano*, X, 1794, f. 105.

³⁹ *idem*

⁴⁰ *Ib id.*

⁴¹ *Mercurio Peruano*, VIII, 1793, f. 258.

⁴² *Mercurio Peruano*, VII, 1793, f. 6. Nessa “sociedade de clientelaje”, os funcionários e os pensadores buscavam ganhar “gracias del Rei”, “Los criollos forman parte de ese complejo entramado del poder buscando ser corregidores, catedráticos, secretarios, asesores, oidores, visitadores, etc” QUIROZ CHUECA, Francisco &

A história peruana construída pelos *mercuristas* herda uma tradição historiográfica conflitiva – modelos interpretativos dados por *el Inca* Garcilaso de La Vega no início do XVII e Por Pedro Peralta Barnuevo do século XVIII; do outro lado, as ideias imperiais sobre a história americana eram produzidas por Antonio de Ulloa e, também, Cosme Bueno, de uma história espanhola sobre Andes. Sobre a sociedade peruana, segundo Guibovich Pérez (2005), as posturas sociais e políticas dos *mercuristas* foram moderadas e até colaboracionistas com o absolutismo colonial. As ideias sociais presente no *Mercurio* “son próprias del racionalismo despótico” que buscava inserir a razão a serviço do Estado, mapeando assim seu funcionamento afim de “buscar los medios para preservar el orden social y así garantizar la continuidad del orden colonial en los Andes”.⁴³

Em uma análise do movimento ilustrado no vice-reino e a visão de sociedade vale ressaltar os significados que nesse momento tinha o conceito de sociedade. Em uma primeira acepção da palavra o *Diccionario de la lengua castellana* (1803) indica como “compañia de racionales” tendo suas variantes cujo significado é “la junta ó compañia de varios sugetos para el adelantamiento de las facultades y ciencias”⁴⁴; nos parece bastante sugestivo para pensar essa sociedade de intelectuais redatoras do *Mercurio Peruano*. Ainda, esse termo (sociedade) era visto como pilar ideológico do século XVIII, para os que viam nela um modo de forjar a civilização do gênero humano. Quanto para os que seguia a Rousseau, como corrupção do homem naturalmente bom. Do ponto de vista ilustrado em Lima na segunda metade do XVIII, a palavra sociedade era entendida como um lugar de troca de ideias e de conhecimento, como também no sentido político derivado de “sociedade civil”. Esse termo evolui de forma concomitante ao posicionamento político do movimento ilustrado no Vicerreino,⁴⁵

QUIROZ CABAÑAS, Lleisen Homero. *El Mercurio Peruano (1791-1795): historia y sociedad*. Investigaciones Sociales, v.18, n. 33, p. 131-139. 2014 ISSN: 1818-4758. p. 135.

⁴³ Houve uma mudança no olhar por parte dos criollos sobre os indígenas e outros setores da população em função das rebeliões desenroladas no Peru do século XVIII, voltando a ter uma visão depreciativa dos indígenas. Sendo os indígenas considerados selvagem igual ao tempo da conquista. A população negra também é motivo de preocupação, pois havia uma alta concentração de negros. Lima se via perante a uma ameaça constante. Nesse contexto, conforme Quiroz Chueca e Quiroz Cabañas, “la población selvática era la gran desconocida entonces pero se había dado a conocer en tiempos de la rebelión de 1742 encabezada por Juan Santos Atahualpa, que provocó que todo el centro del país quedase bajo una vigilancia militar muy drástica”. Com isso, os mercuristas procuravam conhecer todas as diversas dimensões da sociedade: a religião, a demografia, as raças e as relações das classes baixas e o grupo dominante. (QUIROZ CHUECA, F. & QUIROZ CABAÑAS, L. H.. *El Mercurio Peruano (1791-1795)* p. 135).

⁴⁴ REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la lengua castellana*. compuesto por la Real Academia Española, reducido a un tomo para su uso más fácil uso (en formato HTML). Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2008. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcs46r1>

⁴⁵ RODRIGUEZ GARCÍA, Margarita Eva. *Criollismo y patria en la Lima ilustrada (1732-1795)*. Buenos Aires: Miño y Dávila Editores, 2006. p. 142.

De acordo com o espírito *ilustrado* que animava esta publicação periódica nas páginas do *Mercurio peruano*, o pesquisador Puente Brunke comenta que a maior parte de suas páginas esteve dedicada “a tres materias”, segundo a classificação elaborada por Jean-Pierre Clément⁴⁶: “conocimiento del país’, ‘ciencias’ y ‘economía’. Se trataba de las materias consideradas como de mayor ‘utilidad práctica’, y cuyo desarrollo contribuiría eficazmente al logro de la ‘felicidad’ del país”.⁴⁷

Sublinhamos que um dos programas do *Mercurio* foi a difusão das *luces* e defesa do país. Isso por meio do conhecimento prático, conhecimento útil, em escritos sobre geografia, economia, história natural, educação, higiene, agricultura, demografia, astronomia, etc. Tal difusão se deu por meio do “conhecimento útil” e apropriação redacional da realidade local.

Os *mercuristas* se colocavam contra a *enseñanza tradicional*, ou seja, escolástica. Um dos redatores do periódico, Pérez Calama, comenta que “*Las universidades y colegios en España y en Indias han sido (y lo peor es que continúan) el baluarte de la ignorancia [...] Así se han criado todos en este siglo y en el pasado*”⁴⁸. Para os *mercuristas* a preferência sempre foi pelos estudos úteis para sociedade:

El conocimiento de la naturaleza y sus efectos le es aun indispensable. En observarlos y servirse de ellos consisten las artes y la agricultura, el comercio y servise de ellos consisten las artes y la agricultura, el comercio de la vida, y la vida misma. El hombre de letras pues, no se dispensa en esta para utilizar á todos; ved aquí su principal empeño. Avanza quanto encierra el Universo; quanto puede servir de provecho, lo inquiere, lo investiga, lo medita, lo reduce á la experiencia; pero aparta de sí al mismo tiempo como inutil, lo que no ministra mas que abastraccion estéril. El reprueba esos conocimientos vagos, que pervierten el buen sentido, que no ofrecen a la Sociedad [...]⁴⁹

A respeito desse ponto, Clément comenta que “el fin principal que se fija de ahí en adelante a la enseñanza, ya no consiste en formar a clérigos o a hombres bien educados sino a ciudadanos”.⁵⁰ Podemos perceber esta sugestão de Clément se levarmos em conta o contexto da ilustração e o quanto esteve em voga esse projeto ou ideia de criar cidadãos. Vejamos como o verbete “Education” aparece na Enciclopédia de Diderot y d’Alembert:

⁴⁶ O estudo do francês Jean Pierre CLEMENT com seu livro “El Mercurio Peruano” em dois volumes, é o estudo mais completo sobre o periódico.

⁴⁷ CLÉMENT, 1997 cit em PUENTE-BRUNKE. José. *El Mercurio Peruano y la religión*. Anuario de historia de la Iglesia, ISSN 1133- 0104, Nº.17, 2008, pp.137-148. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2592939> p. 139

⁴⁸ *Mercurio Peruano*, II, 1791, f. 131.

⁴⁹ *Mercurio Peruano*, V, 1792, f. 206

⁵⁰ CLÉMENT, J-P. *El Mercurio Peruano*.. op cit, p. 179.

As crianças que vêm ao mundo devem formar, um dia, a sociedade na qual elas irão viver; sua educação é, portanto, o objeto mais interessante: 1º- por elas mesmas, pois a educação deve fazer com que elas [as crianças] sejam úteis a esta sociedade, que obtenham estima e encontrem o seu bem-estar; 2º- por suas famílias, que elas devem amparar e honrar; 3º- pelo Estado mesmo, que deve recolher os frutos da boa educação que receberam os cidadãos que o compõem.⁵¹

Os *mercuristas* seguem o mesmo caminho. Indicam que os pais devem cuidar para que seus filhos sejam “ciudadano útil al Estado”⁵², e que as mulheres também devem se atentar para “haces de sus hijos ciudanos”⁵³. Mas em que consiste esta cultura de ser *ciudadano*? Segundo Clement, “en adquirir ‘conocimientos útiles’ a la colectividad, es decir, que tengan aplicaciones prácticas casi inmediatas”.⁵⁴ Para o *Mercurio*, destaca o peruanista, uma boa formação “há tener un aspecto material, práctico, concreto, porque la sociedad em pleno desarrollo económico necesita trabajadores cada día mejor adiestrados en su oficio”.⁵⁵

Conocimiento del Pais, Ciências e Economia, juntos cobrem 73,88% da superfície do periódico.⁵⁶ Demonstrando que isso está conectado diretamente com os propositos dos *mercuristas* anunciado no “Prospecto”: “*más nos interesa el saber lo que pasa em nuestra Nación [...]; El principal objeto de este papel periódico [...] es hacer más conocido el país que habitamos*”⁵⁷. Também confirma a vontade dos autores de ser uteis ao seu país, de fazer do seu órgão impresso um instrumento que servisse para fomentar a economia “nacional”. Nos é significativo a afirmação de Clément para entender o que vem a ser “conocimiento del país” no periódico:

Conocer el país significa, para ellos, saber cuáles son los recursos económicos (riquezas del suelo y del subsuelo, capacidades de los moradores, etc) que ofrece el territorio al grupo social que lo dirige. De ahí, la importante contribución en materia de Economía y también de Ciencias, instrumentos necesarios para fomentar la exploración del virreinato.⁵⁸

⁵¹ D’ALEMBERT, J.R. ; DIDEROT, D. *Encyclopédie*. Paris: Redon, 2002. CD-ROM. Apud: DE SANTANA, C. A. *A efervescência das ideias pedagógicas na ilustração: o verbete “educação” da enciclopédia*. (2018) *Prometheus - Journal of Philosophy*, 11(26). Retrieved from: <https://seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/view/8609>

⁵² *Mercurio Peruano*, X, 1794, f. 12

⁵³ *Mercurio Peruano*, I, 1791, f. 34

⁵⁴ CLMENT, J-P. *El Mercurio Peruano...* op cit p. 180.

⁵⁵ idem.

⁵⁶ *Ib id*, p. 96.

⁵⁷ *Mercurio Peruano*, I, f. 1.

⁵⁸ CLEMENT, J-P. *El Mercurio Peruano...* op cit, p.97.

Isso só seria possível pela instrumentalização do conhecimento com vistas para utilidade prática na economia e “sociedade peruana”. Partindo desse ponto, vejamos qual tipo de conhecimento estaria pautando os *mercuristas* desde as influências da ilustração. Em termos gerais, os pensadores peruanos – aqui visto sob ótica do *mercuristas*, no século XVIII – entendiam que o progresso humano não seria possível sem o desenvolvimento do conhecimento científico, “es el punto de vista defendido por todos los pensadores de la ilustración”⁵⁹

O periódico durante toda sua existência exaltou nomes responsáveis pela ciência moderna: Copérnico, Galileu, Kepler, Newton, Bacon, Harvey, Huyghens, Boerhaave, Buffon, Linneo, etc. O *Mercurio* mostra que estas novas ideias foram ganhando espaços na Universidad de San Marcos.⁶⁰ Essa renovação científica também chegou ao Peru, “La Europa, que trata las otras partes del mundo de bárbaras, mirara quizás con admiración que em este hemisferio se intenta tratar histórica y dogmáticamente los sublimes descubrimientos que recibimos de ella, y que vuestro periódico sea el medio de su propagación.”⁶¹

O *Mercurio Peruano* explica aos seus leitores publicando em suas páginas integralmente em 1793 (MP IX, 218-232, 234-241 E 243-264), a nomenclatura química, apresentada poucos anos atrás por Lavoisier na Europa na guisa de Morveau y Fourcroy em la Academia de Ciencias de Paris. Acontece de forma semelhante com a botânica de Lineo, que segundo os *mercuristas*, “nacío Linneo y brilló entonces la claridad del día en todo el vasto y admirable Imperio de los vegetables”.⁶²

Houve uma nova metodologia para estudar os fenômenos naturais. A primeira etapa desse novo método consiste em observar o fenômeno, conforme explicava Buffon, “Me parece que el verdadero método para conducir el espíritu en estas investigaciones, es recurriendo a las observaciones, reuniéndolas, haciendo otras y bastante numerosas para asegurarnos de la verdad de los hechos principales”.⁶³ Antes dessa nova concepção de observação, estabeleciam as leis gerais e tentavam aplicar a todo custo a todos os fatos. Ocorre que em Aristóteles partia das leis gerais para explicar os fenômenos naturais.⁶⁴

No periódico é frequente as descrições minuciosas de plantas, enfermidades e fenômenos naturais. E como salienta Clement, “observados y descritos los hechos analizados

⁵⁹ *idem*, p. 128.

⁶⁰ *Mercurio Peruano*, III, 1791, f. 205.

⁶¹ *Mercurio Peruano*, VI, 1792, f. 75.

⁶² *Mercurio Peruano*, II, 1791, f. 81.

⁶³ (BUFFON, citado em CLÉMENT, J-P. *El Mercurio Peruano... op cit. p. 112.*

⁶⁴ CLÉMENT, J-P. *El Mercurio Peruano... op. cit. 112.*

por fin, hay que recurrir a la experiencia para poder, con la repetición, llegar a la ley general, la última e imprescindible fase del método científico moderno.⁶⁵

A ciência está imbricada no periódico a partir da análise da realidade econômica, com vistas sempre para o aspecto prático das coisas. Consideram que a ciência tem a sua praticidade sempre em servir ao homem. Ou seja, um conhecimento que tenha utilidade para a sociedade peruana. O conceito de “utilidade” marcou predominantemente os textos do século XVIII, muitas obras, dos mais variados pensadores, tiveram uma obsessão pela “utilidade”. Buffon, destaca Clément, “explica con entusiasmo en la conclusión de sus *Épocas de la naturaleza*, ‘cómo, gracias a su conocimiento y a su dominio de la naturaleza, fue capaz el hombre de convertir una yerba inútil, como el trigo, en una planta benéfica y casi imprescindible para su subsistencia’”.⁶⁶

Para os *mercuristas* ha uma redução da distancia entre teoria e prática, “esta utilidad no habia sido de puro aparato o adorno, sino que habia servido mucho a los progresos de la navegacion, la agricultura y el comercio”.⁶⁷ Entre as ciências abstratas e as ciências aplicadas, preferem esta última que são diretamente úteis para o Peru:

las sublimes especulaciones de las Ciencias abstractas las provechosas verdades que una orgullosa indiferencia hacia em otro tiempo despreciar; aquellas exigen una molesta aplicación del genio, y habitando una esfera superior al común de los hombres son inútiles para su felicidad [...].⁶⁸

Os *mercuristas* deram maior atenção a textos que apresentavam aplicabilidade e possibilidades de utilidade para o Peru.⁶⁹ De modo geral a preocupação ilustrada dos *mercuristas* foi de estudar, descrever e intervir discursivamente para melhorar a realidade em que faziam parte. E isso se deu por meio do conhecimento da época – entusiasmados pelas ciências modernas do século XVIII –, e a partir daí propor melhoria para o Peru. Foi assim como a História Natural, Botânica, Geografia, Economia etc. Sempre com um norte onde o conhecimento deve ser útil para sociedade. A Geografia no periódico está ligada ao que foi falado até aqui sobre esta concepção de conhecimento útil e ao entendimento de História Natural, Botânica, Economia Utilitária nas mais diversas descrições dos territórios, e como vimos na primeira parte trabalhada nesse artigo havia uma tradição geográfica no Peru.

⁶⁵ *idem*, p. 113

⁶⁶ BUFFON, citado em CLÉMENT, J-P. *El Mercurio Peruano...* op cit. p. 127.

⁶⁷ *Mercurio Peruano*, X. 1794, f. 145.

⁶⁸ *Mercurio Peruano* IV, 1792, f. 2-3

⁶⁹ Assim foram textos sobre Obstetrícia, Higiene, Mineralogia, Química, Matemáticas, Hidrologia etc. Sempre levando em conta o aspecto econômico da questão. CLEMENT, J-P. *El Mercurio Peruano...* op cit, p. 130

3. A IDEALIZAÇÃO GEOGRÁFICA NO *MERCURIO PERUANO*.

Temos traçado até agora um caminho com o intuito de mostrar como as diversas ideias contidas no *Mercurio Peruano* esteve em diálogo com a mudança do entendimento sobre conhecimento no decorrer do século XVIII. Uma das grandes áreas do saber no período da ilustração foi sobre o mundo natural. Ou seja, houve nessa época ilustrada uma sede pelo saber sobre a natureza.

Esta vontade de saber por parte dos grupos dominantes, sejam eles na Europa ou no Peru, revela “un deseo de apropiación del territorio”⁷⁰. Esta concepção aparece claramente no periódico quando os *mercuristas* exaltam as plantas propriamente peruanas (Coca, quina, tabaco, etc). Nas muitas descrições das províncias internas e nos relatos dos missionários que estavam em avanço sobre a selva, os redatores do periódico dão bastante foco em detalhar os recursos botânicos, zoológicos e geológicos do território. Como bem indica Clément, para os naturalistas do século XVIII, se ater a tais descrições “tiene algo de la inspección del propietario”.⁷¹ Este modo de entender pode ser aplicado perfeitamente para os artigos dos *mercuristas*, em especial na forma como se atentam para as riquezas naturais de seu “país”.

O *Mercurio Peruano* esteve comprometido com a descrição sistemática das províncias peruanas em que ressaltam as plantas, os animais, a geologia e os moradores. É comum artigos desse tipo no periódico, ver por exemplo a *Descripción geográfica de la ciudad y partido de Trujillo*,⁷² onde Lecuanda, autor do artigo, descreve em 26 páginas divididos em três entregas, a fauna (mamíferos, pássaros e aves, répteis e peixes e também a flora da província).⁷³ Visando a compreensão das potencialidades do território peruano, os *mercuristas* objetivam dar conta da realidade e das possibilidades econômicas nas mais distintas paragens peruanas. A forma para conseguir alcançar esse objetivo foi a publicação de muitas descrições de províncias. Dando assim um quadro bastante completo do Perú. Clément destaca o numero de 14 longas descrições, juntando a relatos de viagem e outros sobre missões, permite alcançar a cifra de 42 artigos: “la Geografía, que cubre el 11,57% de la superficie impresa en el año 1791 asciende al 25,34% en 1792, al 33,88% en 1793 y al 32,68% en 1794”.⁷⁴

⁷⁰ Essa ideia esta presente em Jean Pierre Clement (1999, p. 116) e também em Mauricio Nieto Olarte (2005).

⁷¹ Ib idem, p. 116.

⁷² *Mercurio Peruano*, VIII, 1793. fls. 36-71 Y 76-97.

⁷³ Alguns leitores do periódico mandavam cartas comentando artigos como esse: (MP I 48; E MP IX 213-214). Demonstrando o espirito entusiasmado com a ciência da população letrada.

⁷⁴ CLEMENT, J-P. *El Mercurio Peruano...* op cit. p. 253.

Estas descrições que acompanham o tema de *conocimiento del País*, é visto de maneira significativa na Geografia, ao passo que foi diminuindo os temas sobre História. Isso pode ser explicado pelo fato do conhecimento das riquezas naturais do território que segundo os *mercuristas*, o Peru é um “país” “donde derramó el Criador todos sus tesoros”,⁷⁵ Uma região de muita prodigiosidade ou “afortunada”,⁷⁶ “La obra de más magnificiencia que há criado la naturaleza sobre la tierra”⁷⁷. A riqueza é tanta, diz os redatores do periódico, que os próprios habitantes desconhecem. Justamente nisso que entra o *Mercurio*, pois é dar a conhecer o país aos próprios peruanos, “con la seguridad de extender una noticias mas exactas, y tal vez mas nuevas de las que hasta aqui se han dado”.⁷⁸ Os esforços para demonstrar as riquezas do país, teve a intenção de ter impacto econômico utilitário: descobrimento mineiros, novos territórios para cultivar, novas plantas para serem introduzidas, caminhos a abrir etc.⁷⁹ Esta colocação pode ser apreciada por exemplo no artigo assinado pelo *mercurista* Francisco Gonçalves Laguna, intitulado *Proyecto econômico sobre la internacion y Poblacion de los Andes de la Provincia de Guamalies, propuesto y principiado por D. Juan de Bezares*. Neste artigo o Laguna apresenta algumas das plantas como a quina o tabaco, e propõe ocupação e desenvolvimento econômico, que segundo suas palavras, esta região “en una palabra: un país incógnito de que podia hacerse una nueva Provincia, mas rica que muchas de las pobladas”.⁸⁰

O setor da ciência cresce a medida em que suas aplicações práticas e, por conseguinte, uteis pra o homem. Assim, os assuntos história natural foram crescendo considerando esse argumento. Vemos que a Geografia vista no periódico esteve ligada as metodologias da História natural no século XVIII, em que as teorias classificativas de Carl Von Lineu ditava o caminho descritivo.

No mundo conhecido do século XVIII ocorre em diversas partes um entusiasmo pela Botânica e a Historia Natural. Diversos jardins botânicos foram inaugurados, Clément comenta que só na França foram 72. Linneo publica suas nomenclaturas (botânica e zoológica). A coroa espanhola segue o ritmo, comprando o gabinete de Historia Natural de Pedro Franco Dávila instalado em París, fazendo uma exposição ao publico em 1776. Em 1781 é aberto o novo e maior jardín botánico em Madri. Na américa temos em México (1788) e Manila (1792) assim como um gabinete de Historia Natural em Guatemala (1788) e um observatório astronómico

⁷⁵ *Mercurio Peruano*, V, 1792, f. 215.

⁷⁶ *Mercurio Peruano*, IV, 1792. f. 11.

⁷⁷ *Idem*, f. 21

⁷⁸ *Mercurio Peruano*, I, 1791, f. 2.

⁷⁹ CLEMENT, J-P. *El Mercurio Peruano...* op cit. p.100.

⁸⁰ *Mercurio Peruano*, I, 1791, f. 293.

em Bogotá (1792). Em Lima sob a observação de nomes importantes, Fr. Francisco González Laguna y Juan Tafalla – ambos assinantes do periódico *Mercurio Peruano* – instalam em 1791, o Jardín Botánico na capital do vice-reino.⁸¹

Não podemos perder de vista que durante a segunda metade do século XVIII, o governo espanhol projetou e executou suas ambiciosas expedições com intuito de demarcar territórios e “investigar los posibles usos medicinales y comerciales de la vegetación tropical”.⁸² Os relatos diários de diferentes exploradores eram compostos de possíveis plantas referenciais para o comércio de medicamentos e para farmacologia. Como o caso da “quina”, medicamento utilizado para diversos tratamentos.

O setecentos foi o século de desenvolvimento das ciências modernas, os impérios ibéricos absolveram e transcenderam essa modernização no campo político e comercial, buscando novas fontes de riqueza em suas possessões ultramarinas, como destaca Puig-Samper:

la organización y envío de expediciones españolas a los dominios coloniales, además de ser una consecuencia de la política científica ilustrada borbónica, fue resultado de una serie de factores políticos como la delimitación de fronteras, el control de la expansión de otras potencias imperiales; económicos, como el aumento del comercio, la contención del contrabando y la explotación de nuevos recursos naturales; demográficos y cartográficos.⁸³

Influenciados pela ilustração francesa, os espanhóis perceberam que a base para o sucesso econômico do império era a exploração mais eficiente das riquezas naturais de suas colônias. Para isso, era preciso adquirir conhecimentos científicos específicos com os olhos voltados para a apropriação por meio do “conhecer cognitivamente a natureza”, e aplicar isso nas colônias. “O século XVIII foi um período marcado pela certeza e, paradoxalmente, pela dúvida. O saber assume outro estatuto: quem o detivesse, deteria o poder”.⁸⁴ As políticas borbônicas seguiram essa linha e a selva do vale amazônico era um território importante para tais aspirações.

Abordamos os artigos em que o *Mercurio Peruano* ocupou-se de Botânica e História Natural desde a proposta de Michel Foucault em pensar a História Natural no fim do século XVIII em sua categoria taxonômica e discursiva. Pois, segundo o filósofo, o saber sobre a

⁸¹ CLEMENT, J-P. *El Mercurio Peruano...* op cit. p. 116.

⁸² NIETO OLARTE, Mauricio. *Historia Natural y la Apropiación del Nuevo Mundo..* op cit. p. 418.

⁸³ PUIG-SAMPER, Miguel Ángel. *Las expediciones científicas españolas en el siglo XVIII.* op cit, p. 20.

⁸⁴ GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia.* São Paulo: Marco Zero, 1994. p. 11

natureza passou a buscar por experiências, observações e leis que poderiam organizar o domínio mais complexo, mais vizinho dos seres vivos. E sob os diferentes regimes teóricos, algumas questões teriam sido colocadas: “possibilidade de classificar os seres vivos – só uns, como Lineu, sustentando que toda a natureza pode entrar numa taxionomia”.⁸⁵

A expedição de La Condamine que havia passado por Lima, seguindo pelo conhecimento da física newtoniana, parte fundamental do arsenal teórico que se fazia presente na expedição “se enriqueció en el Virreinato a partir del contacto de los criollos ilustrados com los expedicionários”.⁸⁶ Outra expedição científica que teve muita influência sobre os ilustrados peruanos foi a de Hipólito Ruiz y Jose Antonio Pavón e o Frances Joseph Dombey. Esta expedição deu lugar a elaboração e publicação da *Flora peruana*. Dentre outros botânicos e intelectuais *criollos* da ciência e medicina contatados, um deles foi Hipolito Unanue, personagem fundamental da medicina peruana e proeminente escritor de artigos no *Mercurio Peruano*.

Unanue reflete um pouco da importância que os *criollos* concederam as expedições científicas comentando em um artigo do *Mercurio Peruano* com o título de “*introducción a la descripción científica de las Plantas del Peru*”.⁸⁷ Nesse artigo Unanue situa a origem da botânica no Peru com a chegada de Ruiz y Pavón. Considerava que as propostas de Lineu que as expedições anteriores faltavam do mesmo “rigor” científico porque “carecendo de método para ordenar sus colecciones se veían reducidas a harcelas cortas para no formar um caos”.⁸⁸ Partindo do método sexualista lineano, continua:

recorrer com un oje especulativo y excato, no solo las campañas de la parte poblada del Perú; sino tambien las nunca registrada montañas de los Andes: aquel rico tesoro de la Naturaleza, donde esta madre benigna y sustentadora de los mortales ha desplegado toda la fuerza de su inogotable fecundid.⁸⁹

Unanue esperava que os trabalhos iniciados por Pavon y Ruiz e outros, impulsionaria o aprofundamento no conhecimento da botânica do Vice-reinado. Para ele, precisaria dentro da ênfase iniciada pelas expedições científicas, da comunicação entre a serra e a capital e entre

⁸⁵ FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2016. p. 172-173.

⁸⁶ RODRIGUEZ GARCIA, M, E. *Criollismo y Pátria*. *op cit*, p. 180.

⁸⁷ *Mercurio Peruano*. T.II 1791. fls 68-76 e Num 44, pp 77-86.

⁸⁸ *Mercurio Peruano*. T.II 1791. Fls. 72

⁸⁹ *idem*

estas o jardim botânico de Madri: “Nuestro laborioso Botánico, debe impedir la extinción de las luces derramadas en él, y mantener un giro perpetuo entre las montañas, Lima, y el Jardín de Madrid”⁹⁰. Revelando a dependência econômica que a ciência *criolla* tinha da Coroa espanhola, pois necessitava de seu apoio financeiro para emprender as expedições ao interior do Virreinato, onde as condições de difíceis acesso demandavam um alto custo.

Foucault ressalta que a história natural é o espaço aberto na representação por uma análise que se antecipa à possibilidade de nomear, e a possibilidade de ver o que se poderá dizer.⁹¹ Visto desde essa perspectiva no artigo sobre botânica de 29 de maio de 1791, intitulado *Introducción a la descripción científica de las Plantas del Perú*, o texto coloca que “el *Mercurio Peruano* auxiliado con un número suficiente de brazos laboriosos es el órgano por donde se debén ir anunciando las producciones raras y notables de estes vasto imperio”. Pois, “con este designio en el Tom. I. se dieron algunas pinceladas acerca del Reyno vegetal”. Onde para eles o segundo tomo traria “la descripción científica de sus individuos”.⁹² O botânico Juan Tafaya em suas expedições, teve “la Botánica el objeto principal de sus tareas”. Para este explorador, segundo o *M.P.*, “La Botánica, es aquel parte de la Historia Natural, que ensena á distinguir por señales claras y características unas plantas de otras, da á cada una el nombre que le corresponde, y la grava en la memoria”. Para os editores do periódico, “la historia natural del Perú es fecunda en prodígios. Todos los sistemas que se han trazado en Europa sobre esta materia, están sujetos a mil ampliaciones quando aquí se hace la aplicación de sus teorías”.⁹³

Como ja mencionado anteriormente o *Mercurio Peruano* teve a predileção para as ciências aplicadas úteis ao Peru,⁹⁴ como a História Natural: “Las Ciencias Naturales son de primera necesidad en el Perú, atendidos los frutos que él ofrece, y han sido las más olvidada”.⁹⁵

É dedicado um espaço considerável para essa ciência, publicando por exemplo um longo artigo que tomou 4 números (MP, X, 1794). A Botânica que aparece no periódico, ressalta Clément, “lleva la preferencia a sus ojos, porque ofrece a la agricultura fuertes posibilidades de desarrollo, como lo exponen en una serie de textos destinados a fomentar el cultivo del tabaco, de la coca, de los cedros etc”,⁹⁶

⁹⁰ *Mercurio Peruano*, II, 1791. fls. 74-75.

⁹¹ Para Foucault, “a conservação cada vez mais completa do escrito, a instauração de arquivos, sua classificação, a reorganização das bibliotecas, o estabelecimento de catálogos, de repertórios, de inventários representa, no fim da idade clássica (...) uma forma de introduzir na linguagem já depositada e nos vestígios por ela deixados uma ordem que é do mesmo tipo da que se estabelece entre os seres vivos” FOUCAULT, 2016, op cit. 174

⁹² *Mercurio Peruano* II, 1791 f. 69.

⁹³ *idem*

⁹⁴ *Mercurio Peruano*, IV, 1792, fls. 2-3

⁹⁵ (MP VII 85)

⁹⁶ CLÉMENT, J-P. *El Mercurio Peruano...* op cit, p. 129.

Por esta inducción – explica Unanue – se percibe muy bien cuantas utilidades pueden resultar a las Artes, a las Ciencias y al Perú, mediante lass tareas de Don Juan Tafaya y los desvelos de la Sociedad. La agricultura podrá mejorarse con las luces que vamos a esparcir sobre ella, y salir del miserable abandono en que se halla”.⁹⁷

Nesta acepção o *Mercurio Peruano* no tomo X, sugere que se desenvolva o ensino de História Natural nos colégios universitário.

No contexto das expedições científicas, uma delas – de Ruiz y Pavón – teve atenção especial no periódico. Dado ao fato da introdução da nomenclatura de Lineu, defendida pelo *Mercurio* em uma série de artigos. O importante para os botânicos da ilustração era poder classificar, realizar inventário das riquezas vegetais, sendo perfeitamente adequado o sistema elaborado por Lineu.⁹⁸ A pesquisadora espanhola Margarita Eva Rodríguez Garcia, que dedicou uma obra muito sugestiva sobre ilustração e *criollismo* no Peru, comenta que “lo paradójico de la botánica de la ilustración fue que precisamente esse interés por una clasificación ‘artificial’ estaba guiado por la voluntad de sacar la máxima utilidad práctica al universo vegetal”.⁹⁹ Segundo o destaque que deu Unanue em que “la utilidad común [...] es alma de nuestras tareas y son inponderables las particulares que ofrece el estudio de la botánica a las *Artes, a las Ciencias y al Perú*”.¹⁰⁰

Hipolito Unanue demonstra em seu artigo sobre as propriedades da folha da coca uma relação significativa para entender os proposito de utilidade. Seu interesse, tanto comercial, como médico, o fez dissertar contra os supostos prejuízos defendido pelos europeus do uso das populações indígenas havia feito tradicionalmente da planta.¹⁰¹ Os estudos de botânica no periódico não alcançaram tanta profundidade em nível teórico como se percebe nos artigos sobre a coca e da quina. Mesmo assim encontramos uma boa análise sobre o tabaco, como o artigo dedicado a essa planta, temos ali desde aplicação metodológica de classificação

⁹⁷ *Mercurio Peruano*, II, 1791, f. 83

⁹⁸ Cabe aqui uma ressalva, como bem destaca Rodríguez Garcia, “La predilección de los ilustrados peruanos por la clasificación linneana no fue compartida por todos los criollos americanos que cultivaron la historia natural. Quizas el caso más significativo es el de la *Historia Natural del Reino de Quito*, elaborada por el Jesuita Juan de Velasco. A diferencia de los botánicos peruanos que se adhirieron al sistema de pretensiones universales ideado por Linneo, Velasco optó por la conservación de los nombres vulgares, esto es, en buena parte, aquellos utilizados por las comunidades indígenas para denominar las plantas y animales de su territorio. [...] Al contrario, los criollos peruanos, desde el punto de vista científico, optaron por una nomenclatura que confirmaba su carácter de europeos, antes que por otra, la indígena, que podía ponerla en cuestión”. (RODRÍGUEZ GARCÍA, Margarita Eva. *Criollismo y patria en la lima ilustrada...* p. 226.

⁹⁹ RODRÍGUEZ GARCÍA, M. E. *Criollismo y patria en la Lima ilustrada...* pp. 226-227.

¹⁰⁰ *Mercurio Peruano*, II, 1791, f. 76.

¹⁰¹ *Mercurio Peruano*, IX, 1793, fls. 205-220; 221-224; 229-236; 237-243; 244-251; 252-257.

elaborada por Linneo, os benefícios e males da planta bem como sua utilidade comercial para fomentar a economia regional. Segundo Unanue, autor do artigo, “todos saben que el Perú es uno de los países del mundo en que hay menos recursos para subsista la gente pobre [...] El Tabaco alimentaba entonces á un número crecido de familias no solo en Lima, sino en todo el Reyno”¹⁰²

Os artigos sobre geografia no periódico incluíram estudos de história natural. Estas dissertações visavam sempre uma reflexão utilitarista e sistemática para o avanço econômico das mais diversas regiões citadas pelo *Mercurio*. Predomina nesses textos a localização espacial da planta e a divulgação de suas características e utilidades praticas sobre a teoria botânica.

O discurso geográfico foi no século XVIII uma ferramenta poderosa de dominação. Geografia entendida em um sentido mais amplo: território, clima, recursos naturais, comércio, vias de comunicação, demografia e fronteira. Toda ideia de território foi colocada como objeto de conhecimento, como mecanismo de apropriação e controle – territorialidade e apropriação.¹⁰³ Isso deu aos *criollos* como os intelectuais do *Mercurio Peruano* uma posição social e política de destaque.

A geografia como linguagem escrita, neste século, esteve preocupada com seu caráter utilitário sobre a natureza para um bom governo com ordem e prosperidade para controlar o espaço e a natureza. Desde essa ótica, temos um bom exemplo ao analisar um artigo dedicado em dois números do periódico em janeiro de 1792, que leva o título de *Descripcion Corográfica de la provincia de Chachapoyas*.

Em primeiro lugar insere o tema dentro da defesa do comércio ao trazer a reflexão externa ao assunto: “Si la edad de oro fué aquella tan celebrada de los Poetas em que todo era comum, y em que las gentes del antiguo Lacio recogian los frutos mas sabrosos y abundantes, sin cultivar los campos [...]; fue sin duda la mas infeliz em que han vivido los mortales”¹⁰⁴. E segue para mostrar a importância que teve a inserção de “las monedas que introduxo, dandoles á conecer el precio de las cosas, fuéron el móvil de su furtuna”¹⁰⁵, e parte para defesa do comércio que segundo entende “se promueve el comercio, se minora la ferocidad y la barbarie [...]; las selvas luego se convierten en Ciudades, y ya son útiles los hombres que antes se

¹⁰² *Mercurio Peruano*, II, 1792, f. 47.

¹⁰³ NIETO OLARTE, M. *Orden Natural y Orden Social: ciencia y política en el Semanario del Nuevo Reino de Granada*. Madrid: CSIC, 2008.

¹⁰⁴ *Mercurio Peruano*, II, 1792, f. 214.

¹⁰⁵ *Idem*.

devoraban mutuamente”.¹⁰⁶ Depois trazem para a análise interna, que nesse caso é a Província de *Chachapoyas*, fazendo uma ligação textual:

Tal fué el principio de las Sociedades, y el medio que las conduxo á tan alto grado de opulencia. Sin estos dos resortes no prosperán, pues sin las leys se violan los derechos de la humanidad y no se promueve la industria, y sin la moneda, aunque aquellas vengan a su auxilio, esta se amortigua; asi los mas feraces territorios que carecen de esta última ventaja, no salen de su pobreza, ni pueden hacer útiles los dones que con prodigalidad les franquea la naturaleza.¹⁰⁷

Continua localizando geograficamente a província mostrando a longitude e latitude de tal região, fazem a descrição das divisões internas, sua história que retoma o mais próximo sempre da “conquista” mostrando os benefício da colonização e como a religião chegou até la; apresentam a topografia, o terreno as vias de comunicação, como as vias hidroviarias no “famoso Marañon [...] se indroduce en las de *Chachapoyas* [...] e se hace navegable en un lugar distante veinte leguas de la Ciudad [...]. Desde aqui se embarcan en canoas los natureales del pais, y corren hasta Santiago de Borja...”¹⁰⁸; Continua o artigo mostrando quem vive e como vivem na dita província, situando as diversas etnias indígenas; mostrando os cultivos que cada setor se dedica; enfatiza-se que “los campos producen espontaneamente varios árboles y yerbas medicinales [...]” em que “los naturales del pais al medicamento mas bien recibido entre los profesores de la Medicina”¹⁰⁹. Ainda é feito uma critica a falta de desenvolvimento das possibilidades da agricultura onde “com toda esta gran ventaja no há hecho mayores progresos la agricultura; pues arando lo mas la tierra com una rexa de palo, apenas la penetran media quarta”, pois,

Contentas estas gentes com tales alimentos, no aspiran á otras conveniencias, ni propenden al mejo trabajo de los campos, que les rendiria las mayores utilidades; por ests razon las haciendas producen tan poco, que apenas pueden mantenerse sus duenos y pagar las pensiones de que estan cargadas.¹¹⁰

Para o editor do artigo, os indígenas são bons em ofícios mecânicos, mas não sabem perfeitamente manejar a agricultura, “esta es una de las principales razones por que no conocen

¹⁰⁶ ib id f. 215

¹⁰⁷ *idem.*

¹⁰⁸ ib id, f. 225

¹⁰⁹ *Idem*

¹¹⁰ *ib id, p. 226*

la opulencia, ni las otras comodidades que acarea la industria, y viven en la misma miseria que los antiguos moradores de este territorio”.¹¹¹ Defendiendo que,

se deriva la ignorancia y estupidez de estos naturales, entregados los mas á las vanas supersticiones, y careciendo otros, aunque tengan buen ingenio, de la correspondiente instrucción por falta de maestros. Pero si saliesen de este letargo, se aplicasen a las artes y oficios, y estas tan vastas y despobladas tierras se hallasen ocupadas de mas hombres, mudaria de aspecto la Provincia. No serian como ahora tan pocos los intereses que le rindiase su comercio; y si al presente por el ramo de Tabaco le entran setenta ú ochenta mil pesos anuales; tal vez se quadruplicaria la partida; y creciendo de este modo los manantiales de la felicidad pública, se aumentaria á proporcion la de los particulares”.¹¹²

Finalizando o artigo comentando sobre a falta de gente para habitar tão vasto território, “tan dilatado, y que desde luego, como en el resto del *Perú*, incluye en su actual decadencia y miseria”.¹¹³

Este extenso exemplo fornece subsídios para compreender como que para os *mercuristas*, é possível encontrar em seus textos uma inseparabilidade entre política, geografia e economia. Ou seja, fazer dos espaços algo manipulável e controlável para um bom governo. Alcançar a prosperidade só seria possível, entendiam os *mercuristas*, com o estudo sistemático dos territórios peruanos, de seus recursos, limitações e possibilidades.

A economia do Peru foi um dos assuntos mais trabalhados pelos *mercuristas*. Diversos artigos analisam, propõe e dissertam sobre as condições da mineração, indústria interna e do comércio, visto sob a ótica das correntes da economia política do século XVIII, como meio de levar o desenvolvimento e civilização as mais distantes paragens do vice-reino. Os enunciados desses temas presentes no *Mercurio* seguem a lógica de um utilitarismo mercantilista.¹¹⁴

Constitutiva do próprio Estado, a geografia dentro da economia torna-se um discurso utilitário e instrumental. Em sua dimensão epistemológica, ela é praticada pelos editores do periódico como um discurso geográfico que lhe outorgariam autoridade. Esse conhecimento, tido como universal, é apresentado como interesse de todos. Os intelectuais do *MP* como Jose

¹¹¹ *Idem.*

¹¹² *Idem.*

¹¹³ *idem.*

¹¹⁴ A proposta de leitura do periódico nessa linha teórico metodológica, dialoga com uma obra publicada nos anos de 1970 pelo pesquisador peruano, José LOPES Y SORIA. O autor propõe uma metodologia de estudo problematizando a economia e seus fenômenos ideológicos presentes no *Mercurio* Peruano. Trabalhando com análises de tipo quantitativos sobre os conteúdos dos artigos e escritos do *Mercurio* agrupando temas que se repetem com periodicidade. O autor fornece um caminho de entendimento de significado do signifiante Perú que configura-se em três critérios: “geográfico-político, lo poblacional y lo histórico”. (LOPES Y SORIA. José. *Ideología Económica del ‘Mercurio Peruano’*. Lima: Comisión Nacional del Sesquicentenario de la Independencia del Perú, 1972)

Rossi y Rubi, Hipólito Unanue e outros, não se contentaram em apenas descrever seus territórios. Eles buscavam dar conta do território e mostrar que era possível explorar todas suas potencialidades a partir do conhecimento empírico e utilitário.¹¹⁵

A geografia como linguagem escrita enuncia para um público definido: a elite intelectual administrativa do vice-reino. Ou seja, não é apenas para os *criollos* assinantes do periódico, mas para todos que fazem parte da comunidade científica ilustrada administrativa. Através do discurso geográfico constrói-se além do território para civilização e prosperidade e felicidade, mas também, um sujeito. Esse sujeito como “legítimo conecedor y ordenador del espaço”.¹¹⁶ Sujeito como Don Jacinto Calero Morera, redator do *Mercurio* ao insistir no prospecto lançado em 1790 que,

La escaséz de noticias, que tenemos, del Pais mismo, que habitamos, y del interno; y los ningun vehiculos, que se proporcionan para hacer cundir en el Orbe Literario nuestras naciones, son las causas de donde nace, que um Reynio como el Peruano, tan favorecido de la naturaliza em la benignidad del Clima, y en la opulência del Suelo, apensa ocupa un lugar muy reducido em el quadro del Universo, que nos trazn los Historiadores. El reparo de esta falta és el objeto primitivo del *Mercurio*.¹¹⁷

A escassez de notícia que comenta o redator do periódico, foi preenchida em uma parte considerável pelo discurso geográfico. Jose Rossi y Rubi dá uma amostra do que encontramos na empreitada cartográfica que os *mercuristas* se dispuseram,

Las Montanas de Chanchamayo, Huánuco, Lamas (...) son unos parages privilegiados de la Naturaleza em quanto à la portentosa lozania, y hermosura de sus producciones. Las circunstancias de unos climas húmedos y cálidos, y el receio de los Indios Infieles que los habitan, contribuyen á que sean escasas las noticias que tenemos em esta linea; com todo hay bastantes para que muchos de nuestros Papeles se ocupen em su descripcion¹¹⁸

Vemos diversas regiões que seguramente muitos desses escritores nunca pisaram, só receberam relatos e cartas expedicionárias, mesmo assim estão comprometidos em dar conta geograficamente, tal como o sentido que está sendo elaborado aqui.

Sentido este, que entende na linha de Nieto Olarte, a geografia e seu papel instrumental do conhecimento, junto a ideia de utilidade do conhecimento na tarefa de governar. Ou melhor,

¹¹⁵ Entre seus mais importantes escritos aparece: "Geografía Física del Perú" (1792) "Preludio a un examen de geografía" (1791) "Peregrinación por los ríos Marañón y Ucayali" (1791) "Conclusión de la descripción científica de las plantas del Perú" (1791) "Disertación sobre el aspecto, cultivo, comercio y virtudes de la famosa planta del Perú nombrada Coca" (1794), etc.

¹¹⁶ LOPES Y SORIA. José. *Ideología Económica..* op cit, p. 100

¹¹⁷ *Mercurio Peruano*.I, Prospecto, 1790 f. IX.

¹¹⁸ *Mercurio Peruano*, I, 1791 f. 6.

de problematizar a representação cartográfica do território de algo manipulável e controlável para o *buen Gobierno*, como expressão de algum “ideal de civilización y orden social em temas políticos y económicos”. Visto como possibilidade para toda civilização que não é possível sem um “estúdio sistemático del territorio de sus recursos, limitaciones y posibilidades”.¹¹⁹

A “geografía económica” presente no periódico da a condição necessária para apropriação e controle do território, por meio de inventariar, reconhecer, administrar, explorar e dominar o território. Como base para uma “classificação totalizadora” de fazer da realidade algo manipulável e controlável. há por meio do discurso geográfico uma territorialização do espaço. Apresentado como natural, parte de um processo histórico de configuração de uma “entidade territorial” como se fosse sempre assim.

Destas considerações, vemos no *Mercurio* a recorrência discursiva de apropriação das regiões da selva amazônica. A construção discursiva de apropriação das regiões amazônica peruana vem desde as primeiras décadas da conquista. No século XVIII passa ter a ideia de que estas regiões deveriam ser povoadas e civilizadas, e assim também foi utilizada pelos redatores do periódico. Como indica o pesquisador Favaron, no *Mercurio* “la élite intelectual confiaba en que la entrada occidental a la selva podía ejercer una impronta civilizadora sobre la región que expandiera el bienestar occidental”.¹²⁰ A selva amazônica era vista como uma região de barbárie, e os nativos não passavam de selvagens e que deveriam ser orientados conforme a visão ocidental; a justificativa era que a região era preenchida de espaços densos e mal aproveitados passíveis de serem bem utilizados: “se aplicasen a las artes y oficios, y estas tan vastas y despobladas tierras se hallasen ocupadas de mas hombres, mudarían el aspecto de la Provincia. No serían como ahora tan pocos los intereses que le rindiera su comercio”.¹²¹

As investidas missioneiras na selva amazônica, para o *Mercurio*, teriam função de adaptar os nativos a formas de vida ocidental, e conseqüentemente abriria espaços para as outras intenções econômicas: “desde el establecimiento del *Mercurio*, hemos procurado dar à luz algunas Descripciones de distintos territorios del País, con el doble motivo de dar a conocer su

¹¹⁹ A epistemologia geográfica que emerge desses tipos de enunciados está vinculada diretamente ao seu caráter político. A dimensão epistemológica do discurso geográfico, como forma de diferenciação, outorga autoridade a seus porta-vozes. Pois, ela é vista como um saber, objetivo, neutro, uma retórica que se apresenta como um conhecimento universal. Essa retórica da neutralidade da aos ilustrados criollos força política. Pois, esse conhecimento é apresentado como interesse de todos sobre um suposto geral de governança. NIETO OLARTE, 2008, op cit, p. 102.

¹²⁰ FAVARÓN, Pedro. *Entrando en la Montaña: visión de la Amazonía en el Mercurio Peruano* IN: Periodismo antiguo en Hispanoamérica. In: Popeney Hart, Catherine (Coord.) Tinkuy Boletín De Investigación Y Debate Serie Discursos Coloniales. n°3, N°14, pp.57-79, set. 2010. Disponível em: <http://llm.umontreal.ca/recherche/publications.html>, 2010, p. 59)

¹²¹ *Mercurio Peruano*, V, 1792, f. 166,.

situación local y sus costumbres, su industria y su comercio”.¹²² Tratava-se de mostrar as regiões desconhecidas e desfazer os erros cartográficos do passado, marcar o território e desenvolver o comércio na região. Houve uma busca constante para controle do território, e as entradas dos missionários foram vistas dessa forma.

Victor Peralta Ruiz (2009) sugere que a fronteira amazônica no Peru do século XVIII, foi construída por meio de “una representación desde la ilustración”. Os espaços fronteiriços do vice-reino peruano experimentaram um auge em sua exploração nas últimas três décadas do século XVIII. As expedições religiosas em 1791 apresentadas pelo periódico e o seu êxito, estava relacionado simultaneamente com a capacidade de explorar novas rotas de “penetración a la amazonia y de estimular una colonización económica y mercantil em dicha región”.¹²³

A ideologia econômica dos *mercuristas* contempla-se, como destaca Lopes y Soria, de empíreo-utilitarista. Os *mercuristas* objetivavam um “deve ser” da economia do Peru, onde buscavam o crescimento do bem comum que se derivariam da produção e comercialização. A conquista das regiões distantes como a selva amazônica daria-se a partir do utilitarismo ou seja na relação de comercialização e valores culturais que se daria pela conquista, pela instrução de técnicas de produção de bens no desenvolvimento das capacidades intelectivas pelo viés ocidental. A conquista deveria estar unida ao povoamento, com o intuito de ganhar para o sistema econômico, para religião populações conquistadas. A inserção do sistema econômico atuaria como um poderoso motivo para a conquista e povoamento, que facilitaria as transações e o intercâmbio econômico-cultural. Há com isso, para os *mercuristas*, racionalidade, inteligibilidade e sentido.

¹²² *Mercurio Peruano*, VIII, 1793, f 124-125).

¹²³ PERALTA RUIZ, Víctor. *La frontera Amazónica en el Perú del siglo XVIII. Una representación desde la ilustración*. In: *Ilapa* N° 4, junio 2009, pp. 7-30. p. 21

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A documentação aqui escolhida, o periódico *Mercurio Peruano*, apresenta uma parcela do que pode ser entendido como agência *criolla*. Entendimento pensado desde seus enunciados de cunho utilitaristas para o aproveitamento dos recursos naturais do vice-reino do Peru. Essa construção se deu nas práticas discursivas que operam no coletivo por múltiplos atores: humanos, naturais e fabricados.

Por meio dos textos do periódico que os *criollos* limenhos ilustrados apresentaram sua ciência e o modo de entendimento do conhecimento que deveria ser útil a sociedade e ao desenvolvimento do Peru. Tal expediente discutido ao longo deste texto passou pela reflexão acerca da ilustração e do discurso geográfico. O conhecimento geográfico daria aos ilustrados a autoridade política e moral, ou seja, para convertê-los em donos e governantes das colônias espanholas. A maioria dos enunciados sobre os territórios desconhecidos e as riquezas naturais mal aproveitadas do vice-reino peruano, segundo os entusiastas *mercuristas*, configuram a emergência de um discurso utilitário característico do que Nieto Olarte chama de “geografia econômica”.

Portanto, a ideologia geo-econômica se percebe pela busca de dar conta da realidade se fazendo uso do entendimento da natureza, do empirismo, das observações e sínteses que nos é crível pelo elevado número de páginas que foram dedicadas no *Mercurio* as descrições histórico-geográficas e econômicas-sociais do Perú. O que foi colocado ao longo dessas páginas, visou apresentar como, por meio de discursos e enunciados presente no periódico, sobre ciência, história natural e geografia, culmina em um patriotismo científico. Pois, como mostramos ao longo de toda nossa produção, os discursos de apropriação das mais diversas paragens peruanas, desde uma ontologia que pressupõem um lugar passível de ser penetrado e explorado, cheio de riqueza a ser utilizada para benefício do ideal econômico – ideologia que permanece até os dias de hoje – começou há muito tempo, desde a conquista, e teve seu marco e criação de discursos epistemológicos durante o século XVIII, onde nosso periódico está completamente inserido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

CLÉMENT, Jean-Pierre. **El Mercurio Peruano, 1790-1795**. Frankfurt; Vervuert; Madrid: Iberoamericana. Vol 1: Estudio. Vol 2: Antología. 1997

CÓRDOVA AGUILAR, Hildegardo. **La Percepción Geográfica Del Perú Entre 1790 Y 1880**. BIRA 20 (Lima) 1993. pp. 107-116.

D'ALEMBERT, J.R. ; DIDEROT, D. **Encyclopédie**. Paris: Redon, 2002. CD-ROM

DOMÍNGUEZ FAURA, Nicanor. **La conformación de la imagen del espacio andino: Geografía e Historia en el Perú colonial. (1530-1820)** Crónica bibliográfica. Revista Andina 21, nº 1, 1993,

FAVARÓN, Pedro. **Entrando en la Montaña: visión de la Amazonía en el Mercurio Peruano** IN: Periodismo antiguo en Hispanoamérica. In: Poupene Hart, Catherine (Coord.) Tinkuy Boletín De Investigación Y Debate Serie Discursos Coloniales. nº3, Nº14, pp.57-79, set. 2010. Disponível em: <http://llm.umontreal.ca/recherche/publications.html>.0, 2010,

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

GERBI, Antonello. **O Novo Mundo. História de uma Polêmica (1750-1900)**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994

GUIBOVICH PÉREZ, Pedro. **Alcances y límites de un proyecto ilustrado: la Sociedad de Amantes del País y el Mercurio Peruano**. *Histórica*, [S.l.], v. 29, n. 2, p. 45-66, mar. 2005. ISSN 0252-8894. Disponível em: <http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/historica/article/view/1277>.

LONDOÑO, Fernando Torres; CUNHA, Sharley. **Ilustração limenha e o Peru além dos Andes no periódico Mercurio Peruano (1791-1795)**. *Antíteses*, [S.l.], v. 12, n. 23, p. 29-56, ago. 2019. ISSN 1984-3356. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/35947/25869>>.doi:<http://dx.doi.org/10.5433/1984-3356.2019v12n23p29>.

LOPES Y SORIA. José. **Ideología Económica del 'Mercurio Peruano'**. Lima: Comisión Nacional del Sesquicentenario de la Independencia del Perú, 1972

MERCURIO PERUANO de Historia, Literatura, y Noticias Públicas Que Da À Luz la Sociedad Académica de Amantes de Lima [1790-1795]. Lima: Imprenta Real de los Niños Huérfanos.

NIETO OLARTE, M. **Orden Natural y Orden Social: ciencia y política en el Semanario del Nuevo Reino de Granada**. Madrid: CSIC, 2008

NIETO OLARTE, *Mauricio*. **Historia Natural y la Apropiación del Nuevo Mundo en la Ilustración española**. Bulletin de l'Institut français d'études andines [En línea], 32 (3) 2003, Publicado el 08 diciembre 2003. Disponible em: <http://bifea.revues.org/6049>

PERALTA RUIZ, Víctor. **La frontera Amazónica en el Perú del siglo XVIII. Una representación desde la ilustración**. In: Ilapa N° 4, junio 2009

PINEDA, Ccente; ALBERTO, Elmer. LA TORRE, Ruiz, MÁXIMO, Fabricio. PINEDA,. **Perspectivas de desarrollo de la geografía en el siglo XXI. El devenir de la geografía en el Perú**. Tesis (Geógrafo)-- Universidad Nacional Mayor de San Marcos. 2003 (ONLINE) http://sisbib.unmsm.edu.pe/bibvirtual/Tesis/Ingenie/Ccente_P_E/cap6.htm

PORRAS BARRENECHEA, Raul. **Fuentes Históricas Peruanas**. Lima: Universidad de San Marcos. 1963

POUPNEY HART, Catherine. **Prensa Periódica y Letras coloniales**. In: Tinkuy: Boletín de investigación y debate, ISSN-e 1913-0481, N°. 14, 2010, pp. 1-34. Disponible em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3296406>

PRATT, M. L. **Ojos imperiales: Literatura de viajes y transculturación**. México: FCE, 2010.

PUENTE-BRUNKE. José. **El Mercurio Peruano y la religión**. Anuario de historia de la Iglesia, ISSN 1133- 0104, N°.17, 2008, pp.137-148. Disponible em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2592939>

PUIG-SAMPER, Miguel Ángel. **Las expediciones científicas españolas en el siglo XVIII**. Canelobre: Revista del Instituto Alicantino de Cultura Juan Gil-Albert, Csic. Madrid, España, n. 57, pp. 20-41, 2011. Disponible em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4098632>

QUIROZ CHUECA, Francisco & QUIROZ CABAÑAS, Lleisen Homero. **El Mercurio Peruano (1791-1795): historia y sociedad**. Investigaciones Sociales, v.18, n. 33, p. 131-139. 2014 ISSN: 1818-4758

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la lengua castellana**. compuesto por la Real Academia Española, reducido a un tomo para su uso más fácil uso (en formato HTML). Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2008. Disponible em: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcs46r1>

RODRIGUEZ GARCÍA, Margarita Eva. **Criollismo y patria en la Lima ilustrada (1732-1795)**. Buenos Aires: Miño y Dávila Editores, 2006.

